

FERNANDO COSTA DE PAULA

OS MODISMOS NA IGREJA EVANGÉLICA BRASILEIRA

SÃO VICENTE

2007

FERNANDO COSTA DE PAULA

OS MODISMOS NA IGREJA EVANGÉLICA BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Seminário Teológico Batista do Litoral Paulista, como parte dos requisitos para a graduação do Curso de Bacharel em Teologia.

Orientador: Profº **Romeu José Tavares**

SÃO VICENTE

2007

FERNANDO COSTA DE PAULA

OS MODISMOS NA IGREJA EVANGÉLICA BRASILEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Seminário Teológico Batista do Litoral Paulista, como parte dos requisitos para a graduação do Curso de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof^o **Romeu José Tavares**

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^o: **Romeu José Tavares**
Orientador

Prof^a: **Rosely Rodrigues Costa**
Examinadora Técnica

SÃO VICENTE, 02 de Fevereiro de 2007.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	05
1. AS RAÍZES DA CULTURA PROTESTANTE NO BRASIL.....	07
1.1. O Mal que Vem de Fora.....	10
1.1.1. Olhando para o pano de fundo histórico.....	12
1.1.2. A evangelização no Brasil: interesses e interesses.....	22
1.2. O Mal que Vem de Dentro.....	26
1.2.1. A influência do aspecto denominacional.....	29
1.2.2. A inconsistência teológica adquirida.....	39
2. MODISMOS: SINTOMAS E NÃO A CAUSA.....	46
2.1. Sintomas de uma Educação Cristã Relegada a Segundo Plano.....	47
2.2. Sintomas da Pluralidade Teológica.....	53
2.3. Sintomas da Descaracterização Denominacional.....	55
2.4. Sintomas da Globalização Eclesiástica.....	59
3. CONCLUSÃO.....	65
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	68

INTRODUÇÃO

Com o passar dos tempos, desde a época em que as igrejas evangélicas históricas eram bem distintas e caracterizadas ou pelas ênfases voltadas aos usos e costumes, ou pela sua forma de cultuar, ou ainda pela maneira de lidar com questões doutrinárias controversas, percebe-se que ela colheu frutos de alguns exageros e, também, de algumas negligências.

A partir da década de 1970 começavam a surgir os primeiros rumores e sinais de “perigo à vista” para toda uma tradição, tanto em relação à forma de pensar como também de agir na cultura eclesiástica brasileira. Um dos fatores que provocaram esta situação foi a tentativa de manutenção de um “jeitão” de ser igreja com ferramentas repressivas, tais como a aplicação de disciplinas do tipo “sentar no banco” para crentes considerados rebeldes ou desobedientes, afastamento de algum cargo ocupado ou até mesmo exclusão em casos extremos.

A rigidez para manter uma forma eclesiástica perdurou como mais importante do que responder aos questionamentos que partiam, principalmente, dos jovens. Estes foram os primeiros a ser atingidos pelas mudanças implacáveis impostas pela Pós-Modernidade.

A igreja evangélica cresceu com um substancial conhecimento bíblico mas, por outro lado, os crentes evangélicos não foram treinados a pensar, refletir.

Como fruto de um método comum, onde o conteúdo era irrefutável e a fonte, fosse pastor ou professor de escola bíblica dominical, ou qualquer outro com essa função de ensinar – o mestre – as igrejas evangélicas viram seus membros sucumbirem às maneiras de irromper com o tradicionalismo em busca de algo mais – uma espiritualidade externada e, muitas vezes, identificada pelos muitos crentes

que se resolveram a isso com manifestações envolvidas por experiências pessoais e recheadas de muito emocionalismo.

É justamente nessa tentativa de transição que começaram a surgir os extremos. Os movimentos, a partir daí, foram o resultado (e na verdade têm sido até então) de uma atitude negligente na elaboração de projetos de educação cristã que atendam as significativas necessidades vitais da coletividade local e do desenvolvimento de “teologias” que têm um caminho de fora para dentro das Escrituras, fazendo dela uma avalizadora das muitas incoerências explicitadas nos púlpitos pelo Brasil afora.

Estes disparates criaram uma maneira de pensar e agir “flutuante” – um círculo vicioso de busca de novas experiências e novas sensações ou qualquer outra coisa nova, mesmo que não se saiba explicar exatamente o que é. O termo modismo passa, então, a rotular esse tipo de comportamento, pois ele agrega a necessidade que os crentes das igrejas evangélicas, genericamente falando (e consciente das exceções) têm de desfrutar deste fenômeno.

Diante dessa realidade ministros do evangelho como Russel Shedd, Ariovaldo Ramos, Carlos Osvaldo Pinto e alguns outros enfatizam a necessidade da igreja “retornar à palavra de Deus”. Este é um apelo extremamente sóbrio e realista de quem vê a necessidade de mudanças que comecem desde o cerne: o coração.

O conteúdo deste trabalho tem a proposta de não apenas apontar as causas desta situação difícil, mas criar uma atitude de reflexão a partir da nossa realidade local, onde a referência da vida cristã para cada crente não extingua as Escrituras do lugar de importância que ela deve sempre ter.

1. AS RAÍZES DA CULTURA PROTESTANTE NO BRASIL

Praticamente todos os movimentos que aconteceram ao longo da história da humanidade foram alavancados por fatores externos, ainda que os indivíduos que figuraram como expoentes ou dobradiças no processo de mudanças em suas épocas tivessem uma tendência revolucionária e transformadora.

Um exemplo é o de Martinho Lutero, que a partir de uma releitura exegética do livro de Romanos se converteu, iniciando uma reviravolta histórica¹ no meio da Igreja Católica e também no meio do povo, cuja grande maioria era de simples camponeses na época.

Pode-se citar também Philip Spener (1635-1705)², um pastor luterano, cujo esforço fixou-se em mudar a realidade fria da ortodoxia da igreja luterana. Ele organizou reuniões para estudo da bíblia e oração nas casas, de modo que leigos e ministros cultivassem uma vida de piedade pessoal e que fosse aplicada à prática cotidiana. Daí o início do movimento conhecido como pietismo, que se espalhou pela Alemanha, Holanda e Escandinávia.

Diferentemente destes e de outros exemplos ocorridos na história do cristianismo, o que tem surgido no meio da igreja evangélica brasileira nos últimos anos não brotou da mesma raiz que caracterizou os avivamentos do passado, ou seja, uma reflexão a partir daquela que é considerada e proclamada como sendo a única regra de fé e de prática entre os cristãos: a Bíblia. O que se entende hoje por avivamento precisa ser revisto, questionado e até confrontado com a história.

¹ É usada a figura do trem para denominar a influência rápida e forte causada pela Reforma a partir da elaboração e divulgação das 95 teses de Martinho Lutero, as quais se espalharam rapidamente pela Europa, principalmente com o advento da imprensa por Gutenberg: "O trem... não havia como fazê-lo parar". OLSON, Roger E. **História da Teologia Cristã**, São Paulo: Vida, 2001, p. 380.

² CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo Através dos Séculos**, São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 327.

Para aqueles cristãos do passado contentar-se com a rotina de liturgias mortas e uma vivência não prática dos princípios bíblicos era um suicídio contra a consciência transformada do novo homem; contra o clamor interno que não negociava a fé por efêmeras aparências. Certamente por isso a história destes homens tem sempre muito a ensinar e ainda provoca reflexões para a atual realidade presente, ainda que o espaço de tempo existente entre esta e aquela geração seja considerável.

Mas, pensando a respeito desta terra e desta gente – da igreja evangélica brasileira – Deus tem feito surgir algumas vozes; vozes de pessoas comprometidas com o Reino e com a mensagem poderosa que ele tem e que a igreja deve conhecer e viver em sua plena intensidade e profundidade.

A realidade dos modismos não é algo novo na história da igreja cristã. Apesar do panorama dos atuais dias da chamada pós-modernidade, desde a época da igreja medieval, por exemplo, isto já era algo identificável.

De certa forma, a estagnação espiritual provocada pelo florescimento da religiosidade oca e a falta de uma teologia sadia e adequada parecem ser os ingredientes determinantes na cultura dos modismos. Um dos caminhos que eles percorrem é o de tornar a vida da comunidade local centralizada em si mesma. Logo, esta não consegue externar a cara nova que possui. Sua função e sua ação como sal e luz (Mt 5:13-16) tornam-se irrelevantes e sua identidade com o Senhor dela ofuscada.

Antecipando aqui a menção sobre alguns exemplos de modismos, o Pr. Ariovaldo Ramos classifica a onda de ênfases sobre crescimento de igrejas como um modismo atual.³

³ RAMOS, Ariovaldo. **Nossa Igreja Brasileira**, São Paulo: Hagnos, 2002, p. 60.

O tão conhecido termo usado em cinema para designar as grandes produções de filmes que são compostas em três fases – a trilogia – também pode ser aplicado nesta reflexão sobre o tema modismos.

TRILOGIA DOS MODISMOS NA IGREJA BRASILEIRA

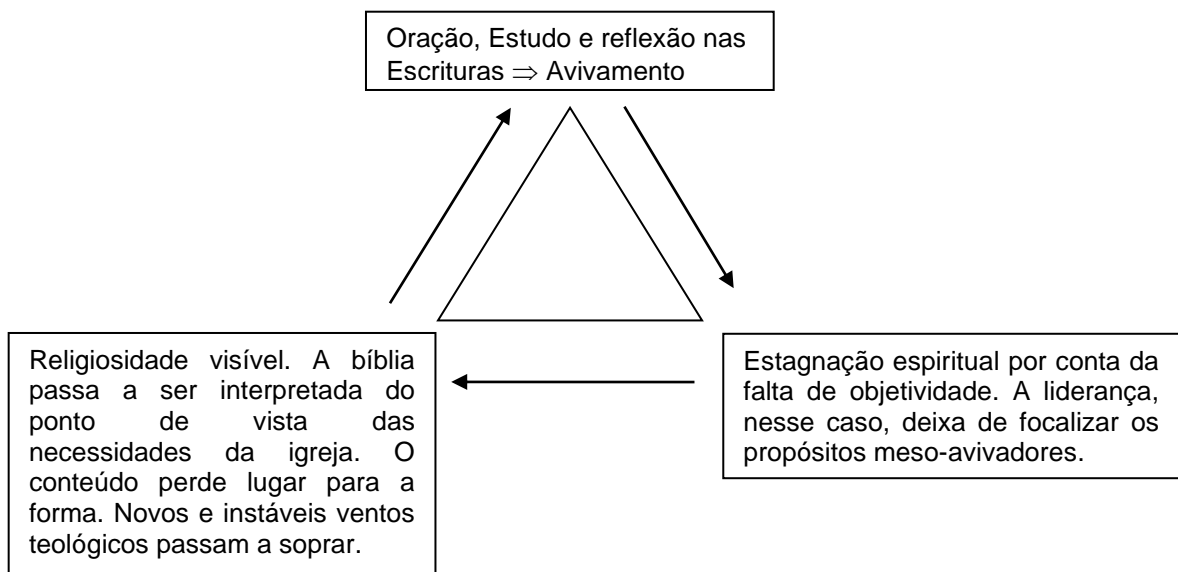


Figura 1 - Exemplificação do círculo vicioso dos modismos.

É necessário deixar claro que esta visualização, da forma como está proposta, não tem a intenção de deformar a igreja do ponto de vista bíblico, mas exemplificar o caminho que ela percorre inevitavelmente quando desabilita o seu compromisso de ser antes do fazer. No passado, os avivamentos contribuíram muito para o avanço e crescimento da igreja, porém não houve uma preocupação em tornar os seus resultados contínuos e frutíferos.

Há uma perspectiva existencial de cunho cultural e ideológico que foi formada lá trás durante a história do Brasil e que ecoa até hoje em diversos segmentos da sociedade brasileira, influenciando inclusive a igreja. Ela será mais aprofundada a

partir da próxima divisão e ajudará a enxergar o contexto que fundamenta o jeito de ser que a igreja brasileira possui ao longo dos tempos.

1.1 O Mal que Vem de Fora

Quando Cristo orou por seus discípulos, como está relatado na passagem do evangelho de João, no capítulo 17, ele pede ao Pai celestial, entre algumas outras coisas: “... não rogo que os tires do mundo, mas que os guardes do Maligno” (João 17:15).

Certamente o Senhor sabia que a jornada daqueles discípulos após o cumprimento de seu ministério terreno seria muito difícil. As perseguições, as pressões e a própria dureza do coração dos homens não deixariam de fazer parte do cotidiano de Pedro, Tiago, João e dos demais discípulos.

O cerne deste trecho da oração de Jesus está na manutenção da vida daqueles discípulos diante da ação presente da maldade característica do sistema mundano em todos os aspectos. Não é à toa que o próprio apóstolo João, falando a respeito deste sistema de pecado escreve: “Sabemos que somos de Deus, e que todo o mundo está no maligno” (I João 5:19).

Possivelmente muitos evangélicos ficariam muito estarecidos ao verificar que tal maldade infiltrou-se na igreja do Brasil, manifestando-se de variadas maneiras.

Ao pedir que os guarde do mal, ele, Jesus, está falando sobre guardar daquele que “está lá fora”, o diabo, cuja ação e influência tem sempre o interesse de frear a igreja no seu propósito de ser e fazer – de viver a vida de Cristo e testemunhar para que outros venham a crer.

Há anos atrás, por conta de um estereótipo débil e alienado que a sociedade mantinha quanto aos crentes, verificava-se que a preocupação era falar de Cristo e, ao mesmo tempo, lidar com questões de ordem comportamental e doutrinária. As pressões daquela época eram reais e quase “palpáveis”. De certa forma, o mal podia ser percebido e era combatido de acordo com a visão teológica que havia, ainda que com muitos equívocos. Como exemplo, era normal que as pessoas questionassem porque fumar, beber, tomar cerveja ou jogar futebol era pecado, segundo a visão que tinham do que era ser um cristão.

Esta forma de pensar em relação ao crente é um reducionismo⁴ resultante da herança dos missionários estrangeiros que aqui estiveram formando um retrato superficial do cristianismo na mente das pessoas. Os tempos passaram e de lá para cá as mudanças que o mundo sofreu também influenciaram a igreja internamente.

O mal não é caracterizadamente estampado. Hoje ele usa uma roupagem ideológica. Saiu do campo do aparente, do visível, dos estereótipos e passou ao campo das idéias, dos pontos de vista e, principalmente, como Rubem Amorese aponta em seu livro *Icabode*, da ação do tripé da modernização, que são a pluralização, a privatização e a secularização.⁵

Diante do conhecimento desse novo modo de causar influências à igreja brasileira, ela deveria refletir em maneiras de reagir biblicamente a isso, ao invés de acomodar-se a esses fenômenos. Porém, na prática, a igreja evangélica brasileira vê-se envolvida, e isso tem suas razões.

Há fatores importantes para se considerar no que diz respeito à vida da igreja evangélica do Brasil. O que ela é hoje reflete fortemente o resultado dos

⁴ Reduccionismo é o termo usado aqui para designar uma simplificação excessiva daquilo que é objeto de estudo ou análise.

⁵ AMORESE, Rubem M. **Icabode**, Viçosa – MG: Ultimato, 1998, p. 12.

acontecimentos e influências do processo histórico do país e, por conseguinte, do próprio processo histórico do protestantismo, desde a época do Brasil colonial.

Sabe-se que o evangelho chegou até aqui através da disposição de homens e mulheres cristãos da América do Norte, especificamente americanos (representantes do Tio Sam). À parte do erros e acertos cometidos no zêlo pela proclamação, a graça salvadora do evangelho foi transmitida aos brasileiros. A história, porém, não termina aqui.

1.1.1 Olhando para o pano de fundo histórico

Os problemas inerentes à igreja do Brasil, na verdade, não começaram a partir da empreitada dos irmãos americanos no início do período pós-guerra, mas remonta aos primórdios da colonização da nação brasileira. Eles têm relação direta com as velhas raízes, e isso não é do conhecimento daquele irmão que está sentado num banco do templo de uma denominação qualquer, cultuando a Deus segundo o que aprendeu de púlpito ou na Escola Dominical.

Para entender melhor essa situação é necessário fazer uma retrospectiva muito interessante e, certamente, também chocante.

Desde a “descoberta” do Brasil pelos portugueses, os colonizadores lusitanos tinham a intenção de extrair do bom e do melhor desta terra. Quantos já não ouviram falar do pau-brasil, das riquezas em ouro e pedras preciosas que os livros de história durante muitos anos ensinaram.

Pois então, o Brasil foi explorado nas riquezas e as marcas disso ficaram seladas. O espírito de dominado e de colonizado foi inculcado pela força destas e de outras consideráveis influências.

Segundo a tese apresentada por Sérgio Buarque de Holanda, em seu livro *Raízes do Brasil*⁶ a herança portuguesa tem laços no escolasticismo reinante à época das conquistas e da colonização, explicando, em parte, o pensamento lusitano quanto às terras conquistadas:

“O escolasticismo⁷ dominante em Portugal, à época de suas conquistas e desenvolvimento da colonização, imprimira forte dose de realismo na mentalidade lusitana. As coisas eram o que eram e como tais deviam ser preservadas, implicando para isso, o domínio de técnicas de manejo cotidiano da realidade. A utopia do paraíso terrestre dominava a mente portuguesa e, uma vez tendo-o conquistado, cabia preservá-lo como tal, com a adição da ordem da cristandade. Para os conquistadores espanhóis, ao contrário, mais apaixonados, um novo mundo deveria ser construído: a utopia deveria ser instalada às expensas do real. Ao português bastava instalar-se na utopia já realizada e à sua espera. O catolicismo transferiu para a paradisíaca colônia portuguesa o panteão santorial que regia o cotidiano das pessoas e de cujo manejo era possível manter equilibrada a realidade. O messianismo português, expresso na ideologia do “Reino de Deus por Portugal” tornou-se tangível no sebastianismo⁸, até hoje presente em certas regiões do Brasil, como componente romântico da mentalidade messiânica responsável em parte, tanto por movimentos dessa ordem, como por certa tendência de espera de uma realidade menor trazida por mudanças naturais ou lideranças políticas de caráter paternalista”.

Pode-se somar isto também com a própria cultura dos índios que habitavam aqui e, consecutivamente, ao longo das outras Américas, e que forneceu uma ponte de ligação facilitadora para os conquistadores europeus quando estes aqui chegaram.⁹

Os índios tupinambás acreditavam que existia um herói, fundador da tribo deles, que partira para longe e voltaria algum dia.

Este mito estava enraizado em todas as civilizações indígenas que habitavam as Américas.

⁶ HOLANDA, Sérgio B. de. *Raízes do Brasil* apud SATHLER, Ronaldo. **Estratégias Religiosas na Sociedade Brasileira**, São Paulo: 1998, p. 45-46.

⁷ O Escolasticismo propriamente dito designa uma abordagem específica da coerência e racionalidade da teologia cristã, através de demonstração metodológica e filosófica que passou paulatinamente a dominar o Ocidente, de 1100 ao seu declínio nos séculos XIV e XV.

⁸ O Sebastianismo é uma designação dada aos que outrora acreditavam (e ainda hoje acreditam, por superstição) na volta de D. Sebastião (1554-1578), rei de Portugal, que desapareceu na África. Metaforicamente é um termo usado para se referir aos que acreditam no mito de um redentor que trará paz ao mundo caótico.

⁹ CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo Através dos Séculos**, São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 297.

A facilidade com que os europeus, e especificamente os portugueses encontraram para penetrar nestas terras sem ser molestados deu a abertura que necessitavam para cumprir seus objetivos como conquistadores.

É preciso entender esse aspecto histórico, pois os que aqui aportaram estavam a serviço do rei de Portugal, com aval da Igreja Católica, que queria expandir seu domínio em nome da cristandade, embora a colonização e a obra missionária católica propriamente dita começassem efetivamente quase ao final do século XVI.

É muito interessante abrir aqui um parêntese: os ideais da Igreja Católica quanto à evangelização tinham relação direta com a extensão que os resultados da Reforma Protestante estavam tomando.

Uma vez que a América do Norte tinha sido colonizada a partir da ação evangelizadora dos cristãos das igrejas reformadas que fugiram da perseguição imposta na Europa estabelecendo raízes em solo ocidental, estes se tornaram uma ameaça ao catolicismo. A obsessão em chegar às Américas antes dos missionários protestantes tinha razões muito sérias.

Desde o início não houve preocupação com um investimento local. No que se refere à evangelização pelos jesuítas, estes tentaram catequizar os índios sem conseguir produzir, a partir deles, muitos outros sacerdotes. O objetivo paralelo deles se fixava em convertê-los ao cristianismo e também fazê-los vestir a camisa da cultura portuguesa.

Historicamente, depois de 300 anos de evangelização católica, haviam apenas dez dioceses. Este pano de fundo perdurou mesmo na época em que a escravidão estava em voga. Porém, os religiosos católicos portugueses, que se

ampliaram em torno da evangelização dos índios, estranhamente não o fizeram em relação aos negros que vieram da África, com excessão de uns poucos.

Por causa da necessidade de se manter em plena sobrevivência, estas populações negras guardaram por muito tempo as suas raízes religiosas, acomodando-se às igrejas católicas, a fim de não serem totalmente esquecidas na sociedade daquela época.

Há três traços da cultura dos escravos negros, segundo Roger Bastide¹⁰, que implicaram a religiosidade brasileira atual.

Em primeiro lugar, a religião dos antepassados ou culto dos ancestrais, cuja crença entende que os espíritos dos mortos podem voltar e afligir os que estão vivos. Em segundo lugar, a magia, que passou a ser usada como arma diante do branco português como forma de compensar ou reduzir a condição resultante da escravidão, ou seja, a marginalização. E, em terceiro lugar, a influência do islã negro nos escravos que vieram da África para cá e que deixaram vestígios nas vestimentas, que acabaram se misturando ao sincretismo religioso desde os tempos do Brasil colônia. Os negros, através do tempo, camuflaram suas crenças religiosas na idolatria católica, operando um sincretismo de seus deuses nas imagens.

Os índios, estes também criaram suas formas sincretistas, embora a sua posteridade tenha avançado para regiões mais remotas do Brasil colônia através da formação das colônias de proteção jesuíticas. Todo o esforço feito pelos jesuítas também tinha como foco proteger os índios da ganância dos conquistadores europeus, pois estes os queriam escravizar.

A evangelização em si não trouxe resultados eficazes, pois a educação religiosa foi seriamente prejudicada, tanto pelo inexpressivo número de paróquias

¹⁰ BASTIDE, Roger. As religiões africanas no Brasil, apud SATLHER, Ronaldo. **Estratégias Religiosas na Sociedade Brasileira**, São Paulo: Umesp, 1998, p. 49.

como também pela distância considerável que havia entre as colônias. Assim a maior parte dos índios retornou aos seus costumes e práticas ancestrais de culto. A influência que sofreram dos jesuítas não lhes causou uma atitude diferente a partir daquilo que haviam recebido.

Quanto à influência indígena na sociedade brasileira, elas são delineadas em pelo menos dois aspectos, como descreve Antonio Gouvêa de Mendonça¹¹, e que se tornaram característicos na vivência do povo.

De alguma forma esta influência não é percebida pelos indivíduos e isso não se reserva a um ambiente em especial. Eis a descrição da reflexão:

“Há muitas coisas provindas de nossa herança indígena do que podemos falar aqui. Vamos, entretanto, buscar no rico baú da cultura indígena dois fatores significativos para a composição do nosso imaginário social. O primeiro, bastante evidente nas culturas rústicas de certas regiões do Brasil, mas que se estende de várias maneiras aos espaços urbanos, desde os espaços marginais até as áreas sociais mais cultivadas, é o generalizado animismo que vê nas coisas e nos animais espíritos capazes de torná-los sujeitos de ações malévolas e, às vezes, benévolas. O segundo é o messianismo/milenarismo presente nas tribos indígenas mais conhecidas através da crença na precariedade desta vida, no culto aos heróis capazes de conduzir à superação dessa precariedade, encaminhando os seres humanos à Terra Sem Mal, além do oceano. Muitos dos rituais ensinados no passado pelos profetas (caraís) persistem aqui e acolá entre pequenos grupos remanescentes de índios”.

Por isso, a afirmação que define o evangelho como supracultural não está alicerçada apenas no seu valor como revelação divina.

Entende-se que o evangelho de Cristo tem poder para transmitir à cultura que é influenciada valores que esta não possui e, embora sejam novos, não descaracterizam a beleza da mesma, mas a realçam, podendo dela os fragmentos de espiritualidade maligna, a partir do indivíduo para a coletividade na qual está inserido. Qualquer sociedade que for atingida e influenciada pela ação do evangelho fatalmente sofrerá mudanças de caráter profundo e transformador.

¹¹ MENDONÇA, Antonio G. de. Religiosidade no Brasil. apud SATHLER, Ronaldo. **Estratégias Religiosas na Sociedade Brasileira**, São Paulo: Umesp, 1998, p. 49.

Poder-se-ia conjecturar que, se a Igreja Católica tivesse mudado seu foco evangelístico, deixando de lado os interesses da Corôa Portuguesa e abraçando a visão de cristianizar os índios teria contemplado uma outra situação.

Mas isto é apenas uma conjectura, uma vez que a realidade visível dos religiosos portugueses estava vinculada a interesses que não tinham ligação manifestamente forte com o ser humano em sua interioridade.

A Reforma trouxe à tona a imensa podridão que jazia nas entranhas clericais e os interesses muito mais políticos do que religiosos.

Durante esse período, a partir da descoberta e colonização do Brasil, até o final do século XVIII, o cenário que se viu foi propício para implantar e estabelecer nas culturas que povoaram estas terras aquele “espírito de colonizado” citado anteriormente. Seja por questão de sobrevivência ou por outra razão qualquer, essa realidade se faz presente como marca registrada (muitos enrijecem a testa quando ouvem falar disto).

Um novo período, então, a partir do começo do século XIX passa a surgir. Um tempo de transição que se estende por algumas áreas extremamente importantes, trazendo mudanças significativas nas áreas de caráter político, religioso e ideológico.

No aspecto político, enquanto as colônias espanholas se empenhavam em lutar por sua liberdade, incentivadas pelo sucesso obtido pelas colônias americanas, no Brasil, a corte de D. João VI, fugindo da ação dos exércitos de Napoleão Bonaparte, vem de Lisboa e instala-se no Rio de Janeiro, culminando numa rápida transformação da categoria de simples colônia a império.

Apesar disso, o caminho para a definitiva liberdade política do Brasil em relação a Portugal demorou muito mais do que a conclusão do processo de libertação das colônias espanholas.

No aspecto religioso, como já foi visto anteriormente, o número de sacerdotes e de paróquias católicas, já no final do império, era pequeno comparado à população existente na época. A princípio, o investimento católico neste ramo, nomeando bispos, se deu com a evidente separação entre Igreja e Estado.

Os seminários¹² levantados pelos jesuítas tornaram-se fundamentais na formação cultural e na história da educação no Brasil depois que eles foram expulsos das terras brasileiras.

Diferentemente do clero europeu intelectual, o clero que se fixou nas terras do considerado novo mundo sucumbiu à estagnação. A tolerância religiosa foi o caminho resultante da influência dos acontecimentos em outros cantos das Américas, de modo que o catolicismo, enfraquecido com a ascensão do pluralismo e da secularização, e também da própria oposição que mantiveram em relação aos movimentos pela independência, perdeu terreno quanto ao seu prestígio e domínio.

No campo ideológico, a transição ocorreu, principalmente, pela germinação de idéias liberais a partir das classes sociais centradas nas cidades, onde o clero católico não exercia grande influência. Embora o exercício da democracia tivesse encontrado resistências no seu estabelecimento na América Latina, as mesmas foram minadas aos poucos.

A política, a economia, a tecnologia e o aprofundamento intelectual provindos da Europa criaram contraposições para a forma de governo monárquico e para a interferência religiosa católica sobre as decisões políticas da mesma. O advento da franco-maçonaria, a influência do Positivismo e a chegada do Protestantismo provocaram mudanças muito importantes no quadro religioso e político de meados

¹² Segundo Sílvia Rita de Magalhães de Olinda, Doutora em Letras, do período que vai de 1549 a 1759 foram os jesuítas os educadores no Brasil, implementando uma sistematização educacional no período colonial (http://www.uefs.br/sitientibus/sitientibus_29_letras/a_educacao_no_brasil_no_periodo_colonial.pdf).

do século XIX. Os interesses das classes sociais liberalistas em criar uma sociedade pluralista e democrática viu estes três movimentos como aliados para estabelecer incisivamente este objetivo - uma sociedade livre da prisão que o clero religioso patriarcal exercia, de uma maneira concreta, através do Império.

No caso do protestantismo, este, através da fixação e expansão de suas estruturas denominacionais provocariam as grandes influências esperadas pelos liberais, cuja propaganda de abertura à imigração americana para o território brasileiro foi estampada já a partir do período inicial da República.

É interessante notar que o desejo dos políticos liberais do início do período republicano em abrir as fronteiras brasileiras para a imigração dos protestantes tinha relação com o desejo de prover o progresso e o desenvolvimento do país. Na verdade, as portas brasileiras tornaram-se abertas a partir de um tratado comercial “forçado” pela Inglaterra junto a Portugal, que se tornara dominadora plena da navegação marítima comercial depois de promover a destruição das frotas espanholas e francesas no início do século XIX (1805). Entre os itens contidos neste tratado estavam a permissão por parte de Portugal para que fossem construídas casas de adoração que não tivessem o estereótipo de uma igreja, e a proibição do uso da cruz na parte externa destes edifícios.

Podemos concluir, a partir daí, que a aversão evangélica atual pelo uso da cruz nos templos evangélicos não é resultado de uma práxis adotada como princípio, mas se refere simplesmente a uma cláusula contratual que provém do berço colonialista, embora muitos não saibam.

Com a ascensão marítima inglesa, antes mesmo do estabelecimento do tratado mencionado acima, a Inglaterra também pressionou Portugal para que abrisse os portos da não mais colônia brasileira, e sim, Reino, para o comércio

estrangeiro a partir de 1808, um ano depois da mudança da Corôa Portuguesa para a cidade do Rio de Janeiro.

A acentuação de um conjunto de fatores durante o período colonial até um pouco antes da promulgação da República no Brasil proporcionou a construção do terreno propício à implementação do protestantismo com os congregacionais, os presbiterianos e os batistas inicialmente. Destes grupos de missionários protestantes três nomes se destacam respectivamente: Robert R. Kalley (escocês), Ashbel G. Simonton e Willian B. Bagby (americanos), os quais são reconhecidos como os precursores ou pioneiros do estabelecimento do trabalho missionário protestante no Brasil e de algumas das denominações chamadas de históricas.

A realidade histórica provocada a partir das influências do tratado inglês com os portugueses permitiram que a expansão evangelística no Brasil fosse quase que instantânea por conta do deslocamento e do desdobramento dos missionários em fundar igrejas.

Embora instantânea, tal proeza evangelística não foi, porém, de grande aceleração como um todo. Apesar disso, comparando-se à ação da Igreja Católica, em função do trabalho dos jesuítas, os resultados foram maiores em um espaço de tempo menor, inclusive no que diz respeito ao espalhamento de igrejas e à conversão de novos crentes. Obviamente as muitas situações envolvendo um e outro fato histórico devem ser levadas em consideração quando desta análise feita friamente como está sendo aqui.

Para os historiadores e críticos da influência do protestantismo no Brasil, a ação evangelística efetiva e acelerada contundentemente não se deu até pouco depois do final da Segunda Guerra Mundial.

Vários pontos de interrogação eventualmente surgem por conta dessa questão, pois a lógica evangélica poderia supor que, naturalmente, a multiplicação dos protestantes seria notável e incontável ante a abertura das fronteiras brasileiras no período de transição de colônia à República (1807 – 1889).

O aparente retardamento da expansão se deve, em parte, à visão que tinham os missionários de conduzir igrejas cujos laços culturais da pátria natal fossem preservados, ainda que inconsciente, porém não justificável.

Uma outra questão é a dificuldade diante do desafio de aprender uma nova língua, cujo domínio exigiria empreendimento de tempo. A priori, o enraizamento e o crescimento do trabalho dos missionários só pôde ser estabelecido usando como estratégia a evangelização de imigrantes europeus. Estes vieram para cá recomeçar a vida em função das pressões político-religiosas que sofriam, a despeito das muitas mudanças que se fizeram naquele continente.

É possível identificar claramente no Brasil atual diversas facetas do povo no aspecto cultural. Por isso, diz-se a respeito do Brasil (isso parte dos estudiosos das relações sociais) que ele é um país sem uma cultura definida, pois abriga uma diversidade étnica que é denominada de pluricultural, ou ainda, policultural. O Brasil é um país com representação de vários outros países internamente.

Esta etapa de evangelização efetuada pelos missionários desde a era colonial pode ser considerada como a primeira efetivamente falando. Dali em diante o que se viu como resultado prático e visível em relação à forma do protestantismo ficou caracterizado na simplicidade, na espontaneidade e na liberdade de expressão da adoração em qualquer lugar que não um templo, por exemplo. Estas atitudes provocaram um choque direto com a liturgia que o catolicismo romano impetrara na América Latina.

Por outro lado, viu-se o crescimento de uma atitude separatista com relação ao mundo em si em vista da influência resultante da eclesiologia dos missionários americanos que aqui estiveram.

A maneira de pensar e agir ensinada ao crente recém convertido tornava-o como um indivíduo à parte, à mercê de uma perspectiva de comunicação e de relacionamento que o fizesse influente sem ser quadrado ou taxado de alienado.

1.1.2 A evangelização no Brasil: interesses e interesses

Com o advento da Segunda Guerra Mundial, as mudanças e a transição para um novo período na história da humanidade eram realidades fatais diante das necessidades e visões que se seguiram como resultado de embates ideológicos, políticos e sócio-econômicos, e também religiosos, é claro.

No aspecto religioso, que é o tema que rege esta exposição até aqui, alguns esclarecimentos precisam ser feitos com relação à mudança no empenho missionário, mais especificamente dos americanos em terras tupiniquins, logo após o término da guerra. Por mudança deve-se entender e ter mente não o aspecto teológico, uma vez que a missiologia dos pioneiros irmãos era extremamente conservadora. A mudança se deu na intensidade e quantidade do investimento humano; no envio que passou a acontecer de missionários, iniciado a partir de 1950. Observando este investimento simplesmente pelo espectro religioso, diríamos que Deus impetrou bênçãos aos brasileiros através da preocupação dos crentes americanos no envio de missionários, a fim de “ganhar este povo para Jesus”.

Por um lado, desacreditar desse ponto de vista seria uma incompetência espiritual. Acredita-se firmemente que havia amor cristão genuíno no coração

daqueles que deixaram sua terra natal, uma potência do mundo atual, com todas as suas disparidades culturais, para dedicar-se à divulgação do evangelho aos perdidos. Porém, o Deus soberano não permite, como não permitiu, que o cristianismo permanecesse através dos tempos sem manter relação direta com a própria história da humanidade.

Por conta disso, tanto os erros como os acertos são marcas que permanecem vivas. Alguns erros, porém, só passam a ser conhecidos verdadeiramente depois de uma acurada investigação, de forma que também não escapam as questões que se referem às missões evangélicas no Brasil.

De uma forma crítica, porém realista, parte da declaração a seguir, feita por um irmão que se auto identifica apenas como Alex, num artigo na internet¹³ chamado “Uma herança amarga – nosso modelo importado – os colonizadores vêm em nome de Deus” depõe contra as intenções primárias da evangelização americana no Brasil e na sua intensificação no período pós-guerra:

“No Brasil, as igrejas de origem reformada (Luterana, Presbiteriana, Menonita, Anglicana, etc.), bem como as de origem evangélica (Metodistas, Batistas, Congregacionais e etc.) ainda, nos dias de hoje, estão devendo o desenvolvimento de uma teologia e prática que reflitam um entendimento do Novo Testamento aplicado às condições brasileiras. Ainda hoje funcionamos, em grande parte, influenciados pela herança que recebemos dos missionários estrangeiros, principalmente aqueles vindos da América do Norte. (É da maior importância que o leitor esteja informado que este trabalho pode lhe ser grandemente ofensivo se o mesmo for americanófilo). O resultado desta influência tem se revelado no reducionismo que podemos ver nas igrejas em que o cristianismo foi identificado com um padrão de vestimenta, mais adaptado aos climas do hemisfério norte, e a um padrão de conduta reduzido a não fumar, não beber e não freqüentar bailes ou cinema. De fato, alguns críticos têm indicado que a única pergunta que realmente importa neste tipo de Cristianismo é: "Você já aceitou a Jesus como seu Salvador pessoal?" Na metade do séc. XX vimos uma aceleração no processo de degeneração da verdadeira fé cristã, no Brasil, por dois motivos principais: o primeiro foi a grande expansão da pregação do evangelho motivada e financiada pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos da América como uma forma de conter a expansão comunista em toda a América Latina. O raciocínio por trás daqueles que eram sustentados por tal iníqua aliança era a de que os fins (a pregação do evangelho), justificavam os meios (o dinheiro vindo do contribuinte estadunidense via Departamento de Estado). De fato, juntamente com a pregação do evangelho se advogava o capitalismo estadunidense e seu expoente maior

¹³ Extraído de www.estudos-biblicos.com/heranca.html, 07 out. 2006, 21:06.

que é "o american way of life", (ainda hoje existem inúmeros missionários estadunidenses que acreditam piamente que o padrão ou forma de vida deles é a melhor que existe!). A pregação posta em prática, por tais homens e mulheres, em sua grande maioria, era eivada de enorme hipocrisia, já que os missionários estrangeiros viviam de forma nababesca (quando comparados à maioria do nosso povo), ao passo que pregavam o evangelho às classes paupérrimas deste Brasil. A situação era tão ridícula que guardo na lembrança um comentário feito por um irmão num momento distinto. Ele, comentando a contradição inerente acima mencionada, disse que: "os missionários americanos ensinavam às lavadoras de roupas nas beiras dos rios acerca dos benefícios físicos de se lavar as roupas com as próprias mãos e que, para serem melhor ouvidos, costumavam ensinar com um pé em cima de uma máquina de lavar e o outro em cima de uma máquina de secar".

Esta crítica, se por um lado é incisiva quanto às motivações reais para a evangelização na América Latina, por outro espelha a trágica realidade que se inclui por trás de diversos empreendimentos eclesiais nos nossos dias atuais, tendo suas raízes nesse passado grotesco das intenções imperialistas americanas, e que parecem não ter sido submetidas à conversão bíblica nos missionários, quando estes foram alcançados inicialmente pelo Evangelho.

No quadro a seguir, podemos ver a proporção do crescimento de missionários nos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial, tendo de um lado a América Latina analisada como um todo, e o Brasil visto de numa perspectiva individual.

TABELA 1
Proporção do número de missionários entre Brasil e América Latina

	Toda América Latina	Brasil	%
1903	1.438	300	21
1920		600	
1940	2.951	400	13,6
1950	4.488	500	11
1960		1.000	
1970	11.363	2.990	26
1980		2.383	

FONTE: Extraído do livro "O Cristianismo através dos séculos – uma história da igreja cristã, p. 454."

A despeito do crescimento numérico de missionários em vista do subsídio das elites do governo americano, as pressões surgidas no meio do processo, provindas do clero católico romano não foram suficientes para impedir a expedição de passaportes aos protestantes que queriam se deslocar para o Brasil.

A forte reação dos protestantes junto àquele governo foi o fator que proporcionou a explosão demográfica de missionários americanos. Em trinta anos, que vão do período de 1940 a 1970, o percentual foi de praticamente 150% de aumento no índice do estabelecimento de mão de obra missionária. Este percentual começou a decair gradativamente a partir do início dos anos 70 por conta de uma redução na concessão de vistos de entrada e permanência para estrangeiros. Embora não fosse algo comparado ao que acontece em países politicamente fechados, isto afetou progressivamente o crescimento no envio.

Outras razões para esse episódio de decrescência missionária foram a influência política que a Igreja Católica exercia (e exerce até hoje mascaradamente) nos bastidores do governo brasileiro, pressionando para que não houvessem tantas facilidades para os protestantes estrangeiros e também a faixa de idade de aposentadoria de diversos deles, resultando no retorno à terra de origem, os Estados Unidos.

Há outros motivos que sancionaram a diminuição missionária estrangeira no Brasil e que serão focalizados mais à frente.

Os número de missionários americanos foi categoricamente reduzido, mas deles ficou o legado. E que legado é esse? Passaremos, daqui por diante, a traçar o perfil da igreja evangélica brasileira a partir da identificação da roupagem que foi herdada com a protestantinização.

Deste ponto em diante a abordagem objetivará mostrar os aspectos culturais estrangeiros que se embutiram ao longo do processo de evangelização do Brasil, e como a cultura de “colonizado” do povo brasileiro foi o caminho facilitador para os acertos, sim, e, infelizmente, os erros também.

1.2 O Mal que Vem de Dentro

Como já mencionado anteriormente, o Brasil teve suas primeiras influências evangelísticas pioneiras através da ação de Robert K. Kalley, Ashbel G. Simonton e Willian B. Bagby, a partir de 1855 em diante.

As três grandes denominações históricas, que se estabeleceram no Brasil fundadas por estes missionários foram a Igreja Congregacional, a Igreja Presbiteriana e a Igreja Batista. Basicamente, os estados onde houve investimento primário do evangelho foram o Rio de Janeiro, a Bahia e São Paulo.

O que se pode perceber de início é que a preocupação desses missionários e dos outros que os sucederam posteriormente era estabelecer igrejas nas cidades onde chegavam, mesmo que o número de pessoas fosse pequeno, a princípio.

Normalmente, a liturgia dos cultos nas igrejas recém-levantadas restringia-se à pregação evangelística e ao canto de músicas dos hinários sacros de perfil musical europeu.

Mesmo com a fundação de algumas poucas igrejas essencialmente brasileiras, isto é, que não possuíam em seu rol imigrantes europeus convertidos, os missionários não pouparam a manutenção de uma eclesiologia “importada”. Nossos irmãos pioneiros não estavam abertos à idéia de contextualização por simples motivos culturais. Sempre foi mais fácil para os protestantes americanos fazer uso

do “pacote pronto” do que debruçar-se em esforços evangelísticos que considerassem o fato de estarem em terra alheia.

Paradoxalmente, os brasileiros é que se permitiram aceitar as formas eclesiológicas e teológicas que lhes foram apresentadas sem questioná-las ou impor-lhes barreiras.

Mesmo em evidência, os traços do modernismo que ascendera na Europa e se propagara na mente dos liberais pré-republicanos brasileiros não foram suficientemente explorados a favor do povo pela elite. A razão para este comportamento foi a centralização de poder. Desta forma, os ideais de mudanças, de crescimento econômico e de diminuição do analfabetismo no país foram retardados. A idéia inicial de contar com a influência dos imigrantes protestantes americanos no processo de desenvolvimento foi frustrada, em princípio, pelos objetivos já mencionados anteriormente: os interesses políticos norte-americanos.

Para se ter uma idéia da realidade político-educacional que pairava nos meandros da elite republicana, observemos a exposição feita a seguir pelo educador Anísio Teixeira¹⁴, que traça o quadro existente na época e ratifica o porquê da acomodação dos evangelizados diante da eclesiologia fornecida:

“Passado o período inicial, em que os militares se substituíram ao poder monárquico, a república se consolida sob a influência dominante das oligarquias de São Paulo e Minas, que passaram a se revezar na Presidência da República. A elite formada durante o império continua a sua ação nos primeiros trinta a quarenta anos da República, mantendo o país em relativa estabilidade, dentro de um regime de democracia limitada e de eleições diretas mas tão habilmente manipuladas que praticamente constituíam eleições indiretas. O país, passado o choque da abolição, salva o latifúndio, com o sistema de plantações em São Paulo, agora servido pelo imigrante europeu, e a conservação da estrutura antiga nas fazendas de Minas Gerais, de todo o Nordeste e mesmo do Rio Grande do Sul. A nação continuava a nação de fazendeiros senhoriais, estando o processo de urbanização apenas em seus primórdios e o industrial não havendo sequer começado. Até a Primeira Guerra Mundial, a sociedade, embora já não mais escravocrática, conservava-se economicamente colonial, exportando matéria-prima e produtos agrícolas e comprando produtos manufaturados de consumo, com o comércio dominado por firmas estrangeiras e a classe dominante de latifundiários dividindo a sua atividade entre o governo e as

¹⁴ Extraído de www.prossiga.br/anisioiteixeira/eng/livro4/11-corrige.html, 03 out. 2006, 16:40.

vilegiaturas de lazer, na Europa. A Primeira Guerra Mundial quebra este equilíbrio, robustece o processo de urbanização, dá início à industrialização e impulsiona a constituição da classe média. O capitalismo substitui definitivamente o mercantilismo, devendo normalmente destruir o latifúndio e criar a sociedade competitiva moderna. Mas isto não se dá. É a classe latifundiária que fornece o modelo para o movimento de industrialização, que se processa tomando ao latifúndio não só o seu prestígio social como seus métodos de concessão e monopólio. As grandes famílias industriais e a estrutura social antiga renascem vigorosas, tanto mais quanto o café, o açúcar e o cacau continuaram a ser parte grande da riqueza nacional e o fator dominante do comércio exterior. Para esta sociedade, aparentemente renovada mas realmente estacionária, assim como o latifúndio se faz o molde para a industrialização, a educação de elite se faz o molde para certo tipo moderado de educação para ascensão social, que não fosse suscetível de quebrar a estrutura aristocrática e conservadora da sociedade. Para isto, bastaria mantê-la escassa e conservar-lhe o caráter anterior de educação clássica (ou enciclopédica), educação para a "cultura", e recusar a sua transformação em educação para a eficiência e o trabalho, de base científica e tecnológica. Com efeito, apesar de uma pregação, a que não faltou eloquência e brilho, a República não logrou ampliar consideravelmente as oportunidades educativas. A situação, após a Primeira Guerra Mundial, apresentava-se deficiente quanto ao ensino primário e, em relação ao ensino médio, com a dualidade dos sistemas educacionais, poucas oportunidades oferecia para a ascensão social. O sistema era adequado à estagnação social necessária à manutenção dos privilégios existentes”.

O solo onde o protestantismo pós-guerra lançou a semente do evangelho possuía estas características. Há os que advogam o fato de que ele ainda é fértil nos dias de hoje. É claro, esse tipo de conclusão tem como base o modelo democrático a que se sujeitou o nosso país diante das pressões externas, principalmente as promovidas pelo líder capitalista – os Estados Unidos,

Durante todo o período em que perdurou o militarismo no governo brasileiro, a realidade exposta anteriormente foi realmente uma realidade. E é, ainda, em certo sentido, mesmo com o advento das eleições diretas.

Mas onde e como estava a igreja evangélica brasileira em meio a todo esse processo de transição político-educacional? De que forma as transformações eclesiais começaram a ocorrer e a partir de quando? Essas respostas também estão ligadas ao processo histórico protestante que se desenrolou no país e às quais não se pode negar o desejo de explorá-las e conhecê-las, pois certamente trarão à reflexão certos fatos que permanecem ocultos.

A privação do cultivo de métodos de reflexão dos protestantes brasileiros e a própria alienação destes em relação à influência que a missiologia e a eclesiologia norte-americana causaram devem ser colocadas em pauta no sentido de focalizar o ponto de partida por onde deve ser feita uma releitura eclesiológica brasileira séria e compromissada com mudanças na identidade da igreja evangélica nacional.

1.2.1 A influência do aspecto denominacional

Quando se pensa ou se fala em cultura deve-se entender que o termo possui uma grande amplitude em sua aplicação, o que torna uma definição precisa algo bastante difícil. Porém, é importante fazê-la aqui por uma questão didaticamente necessária, antes de dar prosseguimento na reflexão sobre a caracterização denominacional brasileira.

Segundo o famoso dicionário Aurélio¹⁵, a palavra cultura é definida como:

“O conjunto de características humanas que não são inatas, e que se criam e se preservam ou aprimoram através da comunicação e cooperação entre indivíduos em sociedade. Nas ciências humanas, por vezes opõe-se à idéia de natureza, ou de constituição biológica, e está associada a uma capacidade de simbolização considerada própria da vida coletiva e que é a base das interações sociais”.

Em princípio, o que se pode perceber nessa definição sobre cultura é que as características humanas não são inatas, isto é, não nascem com o indivíduo. É preciso entender, a partir desse prisma conceitual, que a cultura de um povo é resultado de um processo complexo, onde as influências diversas que ficam impregnadas na identidade deste provém de fontes diversas.

A intenção aqui não é mencionar as diversas fontes, mas apenas uma em particular, que é no âmbito da cultura chamada denominacional.

¹⁵ HOLANDA, Aurélio B. de. **Novo Aurélio Século XXI**, São Paulo: Nova Fronteira, 1999, p. 591.

A história das denominações sofreu com a concorrência e transferência de membros entre igrejas. No Brasil, com sua pluralidade cultural, isso poderia acontecer, como em verdade aconteceu, porém em tão diminuta extensão que as denominações inclusive se ajudaram mutuamente nos primeiros anos de investimentos missionários. Os laços dessa ajuda e cooperação mútua foram desenvolvidos por uma consciência inicial, criada com base na obra que precisava ser realizada em terras tupiniquins, desde o estabelecimento da primeira igreja evangélica denominacional, em meados de 1885 até as portas de 1906.

A lógica, porém, era que essa cooperação mútua entre batistas, presbiterianos e metodistas fosse convergir em uma fusão destas denominações por força dos propósitos evangelísticos, o que não aconteceu.

A cultura denominacional fincou estacas fortemente durante esse processo de investimento missionário, criando diferenças na identidade entre evangélicos e evangélicos. Um exemplo bem clássico e fácil de ser lembrado é a questão batismal entre os presbiterianos e os batistas. Na história das denominações aqui no Brasil, os batismos e os re-batismos eram comuns por conta da visão particular que cada um dos lados tinha sobre o assunto.

Não se pode descartar, é claro, outras questões relacionadas às demais denominações tanto tradicionais quanto pentecostais posteriormente. Elas também tiveram diversos embates (como têm até hoje) no campo teológico, litúrgico e comportamental.

Apesar disso, o que parece ser utopia, ou seja, a cooperação mútua entre igrejas, principalmente de denominações diferentes, naquele período de expansão missionária foi um fato, salvo algumas restrições impostas em comum acordo, e ainda que por um certo período de tempo.

As energias evangélicas somadas resultaram numa espécie de “guia mútuo-eclesiástico”, que estabeleceu normas comuns para a concentração de esforços evangelísticos, incluindo alguns parâmetros éticos. Isto se deu por volta de 1900, com a criação de uma comissão interdenominacional composta inicialmente por representantes presbiterianos e metodistas, no Rio de Janeiro. A visão futurista seria a de fazer surgir, a partir desses esforços, uma aliança evangélica brasileira.

Esse pensamento comunitário, no que se refere ao trabalho evangelístico, como foi dito anteriormente, caminhava em direção a uma fusão observando-se simplesmente a questão da necessidade do espalhamento do evangelho pelo território brasileiro. Mas, por mais que o coração comum quanto ao sentido do objetivo evangelístico fosse evidente, com o decorrer dos anos a fundamentação eclesiológica e o enraizamento de sua identidade com o povo brasileiro trouxeram situações novas à tona. As igrejas evangélicas metodistas, presbiterianas, e mesmo as batistas que já haviam sido implantadas neste território começaram a suspirar ares de uma certa “independência” em relação aos missionários que permaneciam aqui, ainda na vanguarda do trabalho de evangelização e estabelecimento de novas igrejas. Isso efetivamente aconteceu por meio da atitude que as denominações passaram a ter.

O desejo de proceder o corte do “cordão umbilical” em relação aos missionários americanos não aconteceu apenas do lado das igrejas evangélicas aqui no Brasil, mas também, pelo menos em teoria, do lado dos próprios desbravadores missionários estrangeiros.

O fenômeno da emancipação eclesiástica, no Brasil, das igrejas evangélicas, era algo concreto, inicialmente com os presbiterianos, no final do Império, após uma existência de nada menos do que 25 anos de labuta evangelística.

Esse processo, como mencionado, de emancipação eclesiástica ou nacionalização das igrejas evangélicas, foi marcado por alguns capítulos nada agradáveis nas relações com os missionários e os órgãos superiores aos quais estavam ligados. O tratamento deixou de ser cortês em alguns momentos, de modo que algumas igrejas experimentaram de forma clara as atitudes da manutenção desagradável da influência sobre elas e seus pastores por aqui.

A verdade é que se pôde verificar, comparativamente falando, que enquanto os missionários pioneiros prezavam e valorizavam o aspecto intelectual e o teológico (superficial), tais valores, pelos que os sucederam, deram lugar a uma decadência. Isto foi resultado de uma mudança de foco dos missionários do período pré-republicano que, por causa dessa transição para a emancipação das igrejas evangélicas brasileiras, vieram a se preocupar em enfatizar as bases denominacionais como forma de mantê-las presas à sua subserviência.

Isto trouxe um desgaste inevitável entre igrejas e missionários, causando resultados negativos mais para o lado brasileiro, que se limitou à uma vivência espiritual pragmática e moralista do evangelho.¹⁶

À parte desses embates, é interessante levantarmos aqui a figura de Eduardo Carlos Pereira, considerado como a dobradiça entre o período de fomentação da nacionalização das igrejas evangélicas brasileiras (principalmente a presbiteriana) e a efetivação, na prática, dessa nacionalização. A influência profunda que este mineiro causou não se restringiu somente à denominação presbiteriana como um todo, mas também às demais denominações: batistas, metodistas, luteranas, congregacionais e episcopais.

¹⁶ Essa prática eclesiológica ainda é uma fonte de problemas. Teologicamente falando, nossas igrejas se acomodaram em ser dependentes, por escolha, dos pacotes prontos de ênfases sobre igreja e outros assuntos. A superioridade intelectual que aqui existia nas igrejas brasileiras foi “engolida” paulatinamente pela influência de algumas instituições para-eclesiásticas, que traziam, no fundo, uma propaganda norte-americana.

Convertido em 1875, em São Paulo, Eduardo foi orientado a preparar-se para o ministério pastoral, concluindo o seu período de capacitação em 1880, e aí sendo diplomado.

Sua primeira experiência pastoral numa igreja, em Lorena (SP), serviu como estágio, saindo dali e estabelecendo-se como pastor na igreja de Campanha (MG).

Organizou, juntamente com um amigo professor chamado Remígio de Cerqueira Leite, a “Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos”, em 1884. O objetivo dessa organização era o de publicar material escrito por pastores nacionais, sendo que do conteúdo não poderiam constar críticas, controvérsias ou discussões de cunho denominacional. Todo material a ser publicado tinha que servir de ferramenta de auxílio interdenominacional.

Mas a influência de Eduardo Carlos Pereira não se reservou somente a esse grandioso empreendimento. Foi ele o grande pioneiro no estabelecimento de um planejamento estratégico de missões a nível nacional pela denominação presbiteriana. É claro, isso lhe contou grandes ações oposicionistas da parte dos missionários americanos.

Este ciclo de transição do período do nascimento do desejo de emancipação até a sua formulação completa, onde sua caracterização ficou determinada, foi até cerca de 1930. A partir daí, um novo período inicia-se na história geral, na história do Brasil e na história da igreja evangélica brasileira também.

A essa época, as igrejas evangélicas brasileiras possuíam uma identidade denominacional muito solidificada, diversificada e distinta. Entre as diversas questões pelas quais se podem notar essas “diferenças” estão a forma de governo, enfoques doutrinários de cunho secundário (isto é, que não interferiam na salvação) e as variadas formas do exercício das ordenanças bíblicas (batismo e ceia).

Deve-se levar em conta que as igrejas evangélicas, mesmo naqueles tempos passados, possuíam seus extremos, alguns dos quais permanecem até hoje na história evangélica, senão integralmente, pelo menos em grande parte.

Vale lembrar que a herança protestante americana, de alguma forma, tem a ver com muito do estereótipo que a igreja brasileira carrega. Apesar do processo de emancipação das igrejas protestantes atingir um certo nível do que fora desejado por seus líderes nacionais, ainda assim é necessário admitir que há uma certa dependência associada à igreja cristã norte-americana, principalmente na área financeira.

Existem diversas denominações que, para levar determinados projetos avante, dependem diretamente de recursos externos. É fatal afirmar que a dependência financeira cria um outro problema: ela infere uma atitude de influência nos desígnios dos projetos. Afinal de contas, os que abrem bondosamente os cofres a favor do Reino, sentem-se também no direito de opinar ou, de forma mais incisiva, determinar direções administrativas.

Ainda sobre esse fato da dependência, a existência de várias escolas fundadas pelos protestantes americanos projetaram através do ensino, antes de se falar em nacionalização de igrejas, por extensão, uma ação predominantemente poderosa, onde o processo ideológico, cultural e denominacional americano permaneceu com suas raízes fixadas. Apesar de haver lideranças nacionalizadas nas denominações aqui existentes, elas sofrem atualmente uma ação como a da aplicação de métodos anti-rejeição para pacientes que sofrem transplantes de órgãos, a fim de se evitar um processo oposto em que o corpo tenha aquele órgão como intruso.

Para maior clareza do assunto, o protestantismo norte-americano procura figurar sua influência na igreja brasileira através da exportação de teologias cada vez mais rebuscadas, fantasiosas quanto a resultados e cada vez menos compromissadas com a ética bíblica e mais com o humanismo crescente.

A forma de ser da igreja brasileira está efetivamente entregue a essa condição, e não há, até então, uma ação efetivamente clara no sentido de operar uma filtragem do conteúdo e das formas ideológicas embutidas.

No Brasil, as escolas de ensino teológico de nível valorizado mantêm uma bagagem que concentra, tanto na metodologia de ensino como na teologia propriamente dita, uma estampa que não se compatibiliza com as necessidades e realidades patentes da eclesiologia brasileira.

A percepção de caminhos práticos para a formação de líderes e pastores nacionais, embasados com uma teologia que considera os elementos da nossa cultura e confronta as nossas raízes ainda é um processo muito lento.

O preparo acadêmico nas instituições efetivamente reconhecidas ainda demanda a implantação de uma visão para a igreja evangélica brasileira especificamente. Não seria aqui nem um pouco displicente a afirmação de que, no que se refere a pensar, refletir, o crente evangélico é ainda carente.¹⁷

Saindo do campo acadêmico e passando ao das escolas de missões, também estas mantêm vínculos estrangeiros que propõem uma interferência no que o missionário deve ser evangelicamente falando. As rupturas com a metodologia sistemática e de resultados ainda são grandes desafios no processo de

¹⁷ Nossas práticas religiosas refletem claramente os conceitos de colonizadores e colonizados. O resultado direto desta dominação pode ser visto, de maneira exemplar, na história editorial das casas publicadoras da segunda metade do século passado. Nesta história temos que destacar que a grande maioria das editoras chamadas evangélicas, pelo menos as mais relevantes, foram e muitas delas continuam sendo controladas por estrangeiros, estadunidenses em sua grande maioria. Assim, em parte pela nossa própria fraqueza e em parte pela situação atual, nos foi imposta uma ditadura literária que tem dominado o cenário e comandado a teologia que se praticou nos últimos 50 anos.

transformação da ação evangelística para o Brasil e também para além de nossas fronteiras.

O papel das escolas teológicas e das instituições missionárias, mesmo as interdenominacionais, têm servido, infelizmente, aos interesses do protestantismo estrangeiro em detrimento à promoção da formação de líderes e pastores nacionais que sejam formuladores teológicos e facilitadores da conexão do pensar teológico com as ações transformadoras a partir da igreja local.

Como mudar, então, esse quadro vigente no Brasil? De que forma será possível iniciar uma reflexão teológica a partir daqui deste campo cultural protestante em contraponto com a visão tradicional ideológica? Qual caminho inicial poderia ser sugerido como ponto de partida de reavaliação do modo comum como a igreja é atualmente? A essas perguntas outras somam-se tão importantes quanto, e causam pressões no sentido de enxergar-se a vivência evangélica de um modo global e a necessidade radical de mudanças. Estas não são opções para a igreja brasileira – elas são absolutamente indispensáveis para a sua existência e atuação dentro das perspectivas bíblicas como sal e luz.

É interessante aqui denominar essa fase de “ação para a uma nova independência”; esta, porém, mais profunda e prática do que a nossa história até aqui pôde contemplar.

A formatação denominacional brasileira, como falada anteriormente, tinha em vista, inicialmente, promover uma ação evangelística conjunta em terras brasileiras. Esse objetivo caminharia, segundo as expectativas circunstanciais, à fusão denominacional, pelo menos em tese, de presbiterianos, metodistas, congregacionais e batistas. As diferenças denominacionais se tornaram mais

explícitas à medida que cada uma delas precisou lidar com os problemas relativos à nacionalização.

É evidente apontar que, a partir dessa preocupação real em emancipar-se, viram-se as denominações lutando individualmente. É importante salientar que os esforços evangelísticos foram comuns enquanto não havia uma definição de aspecto político. As denominações se fizeram autônomas na prioridade de quebrar com os laços protestantes americanos, e aquela fusão esperada estancou-se aqui.

As características das denominações que não ficaram evidentes até aquele período passaram a brotar através das ações voltadas aos interesses de cada uma delas. A institucionalização da igreja começava a ter uma forma mais definida por meio desse processo, ficando clara a distância que certos exercícios políticos ou de cunho exclusivista criavam entre elas.

Desde o final do processo de nacionalização até os fins da década de 1970, as fortalezas denominacionais sempre mantiveram uma certa aparência e conformidade em termos de padrão eclesiológico.

A identidade do crente da igreja local sempre esteve intimamente ligada à sua fundamentação na tradição da denominação a que pertencia. Seria cômico dizer, mas era possível, à distância, saber se um crente era da denominação A, B ou C por suas características e expressões estéticas.

As raízes do tradicionalismo se aprofundaram e permaneceram firmes na igreja brasileira até que alguns acontecimentos surgissem para iniciar um processo de modificação dessa realidade. Porém, ainda que possamos vislumbrá-lo como realidade, ele se mostra lento. O processo de mudanças tem remado contra as marés de muitos e muitos anos de tradicionalismo e superficialidade.

Quando se deu o fim do militarismo aqui no Brasil, uma série de modificações se sucederam como uma avalanche na sociedade e, é claro, isto não eximiu a igreja de ser atingida também.

As grandes transformações que o acelerado pós-modernismo causava na Europa e nos Estados Unidos infiltraram-se rapidamente nas fronteiras cultural, tecnológica, ideológica e política.

A liberdade de expressão e de pensamento nos meios de comunicação pôde colocar à disposição do cidadão brasileiro, seja por rádio, televisão ou imprensa escrita o que o mundo de além-mar estava refletindo e expressando. É bem verdade que estas mudanças se deram progressivamente, mas suficientemente rápidas para trazer à tona a defasagem que o Brasil mantinha em relação ao restante do mundo.

O quadro de transformações inevitáveis também irrompeu de maneira muito forte dentro da igreja evangélica brasileira, principalmente em relação à sua forma de ser igreja.

A apresentação que ela fazia de si mesma, até então, começou a ser confrontada por questões de ordem filosófica, ideológica e comportamental, visto que o estilo de vida engessado e a prédica teológica superficial não satisfaziam as exigências existenciais do mundo que agora se instalava. Um pouco mais adiante esse assunto será abordado na discussão sobre as crises na igreja brasileira.

A cristandade evangélica brasileira espalhada pelas diversas denominações não estava alicerçada teologicamente para refletir e responder, tanto aos apelos que o pensamento da sociedade pós-moderna passou a fazer, quanto às suas formulações sobre moral e ética.

A roupagem denominacional criou nos crentes brasileiros uma espécie de “casca de proteção” contra tudo o que provinha do “mundo”. Deste modo, a

perpetuação da negligência à reflexão permaneceu até que algumas lideranças evangélicas começassem a ficar incomodadas (isto faz pouco tempo) com esta situação e levantassem a voz para promover um alerta sobre o que realmente estava acontecendo.

A questão denominacional, na sua relação com a identidade do crente nos dias de hoje precisa urgentemente passar por uma reforma de caráter profundo e sério, a fim de ser removido o peso do fardo da tradição organizacional e ter incutido na mente evangélica o desafio bíblico para viver o discipulado de Cristo além das quatro paredes dos nossos templos. A reforma, neste caso, não pode ser simplificada apenas ao caráter institucional e nem a ele primeiramente, pois antes da instituição propriamente dita estão os que a instituíram, ou seja, os protestantes.

1.2.2 A inconsistência teológica adquirida

A acomodação reinante nos círculos evangélicos tem causas muito evidentes e, entre elas, destaca-se a que se relaciona diretamente com a teologia que a igreja brasileira adquiriu.

Na transcrição a seguir, Antonio Gouvêa de Mendonça¹⁸ resume a essência da mensagem normalmente transmitida dos púlpitos e nas salas de escola dominical, quase que repetidamente:

“A teologia explícita dos protestantes tem contornos gerais do metodismo americano: o amor de Deus por todos os homens pecadores, o perdão gracioso pela aceitação, através da fé, do sacrifício expiatório de Cristo, a vida regenerada visível na ética mundana e a expectativa da vida eterna no céu. Dois novos elementos são superpostos a essa teologia: a Teologia da Igreja Espiritual, justificadora e conservadora do *status quo* social e certos traços de teologia do pietismo, com seu emocionalismo característico”.

¹⁸ MENDONÇA, Antonio Gouvêa de. **O Celeste Porvir**, São Paulo: Aste, 1995, p. 193.

Este conteúdo puramente evangelístico foi aplicado durante muitos anos entre as diversas denominações e provocou dificuldades várias. Em suma, a teologia brasileira, seja de cunho batista, presbiteriano, metodista, congregacional, ou qualquer outra não teve “chão” para fixar os pés quando a promoção do pensamento pós-moderno e muitas de suas nuances começou a bater à porta das igrejas evangélicas.

A eclesiologia formal criou uma série de confusões e problemas, pois ela tem sido alimentada pela falta de um ensino bíblico sobre o caráter da igreja como organismo vivo e como esse organismo se desenvolve. As ênfases que ultimamente têm ocorrido sobre igreja não abrangem o aspecto essencial (e misterioso como Paulo escreveu) e que envolve o tema e a realidade do Corpo de Cristo.

A noção correta sobre a igreja como organismo vivo, composta de pessoas salvas por Cristo, que possuem dons e que estimulam-se à edificação mútua e glorificam a Deus cedeu lugar ao pensamento comum da igreja organizacional, cujo fim é o crescimento numérico, sem a preocupação com os princípios do discipulado. A questão do formalismo eclesiológico também não permite que a dinâmica do corpo seja manifesta, uma vez que existe uma “necessidade” de se manter um padrão em que a forma torna-se mais importante do que o conteúdo.

O evangélico brasileiro viu-se, assim, circunscrito a uma eclesiologia que é clara e evidentemente identificada como frágil por um lado e resistente por outro. É frágil no sentido de que tal eclesiologia não fornece as ferramentas para que o cristão questione sua vivência na sociedade como cidadão do Reino e, mais profundamente, como discípulo de Cristo. Sua performance como salvo muitas vezes fica restrita à mentalidade, ainda que inconsciente, de que não fumar, não beber,

não fazer isso ou aquilo, não andar conforme os desígnios deste mundo o qualificam positivamente perante Deus e a igreja.

Por outro lado, a eclesiologia tornou-se resistente na medida em que estimulou uma supervalorização do ponto de vista ritualístico, o que para muitos crentes traz dificuldades sérias para desvinculá-la de sua espiritualidade pessoal.

Na igreja brasileira essa supervalorização ritualística pode ser visualizada em quatro aspectos¹⁹:

- a. O templo: há uma exagerada importância espiritual dada a ele, de forma que a distinção bíblica neo-testamentária é ofuscada.
- b. O culto: é visto como um remédio para o momento, não se tornando eficaz no cotidiano da vida. O pensamento sobre culto tem a ver só e unicamente com a reunião dos crentes no templo (Isaías 1:11-15).
- c. O domingo: a visão santificada do primeiro dia da semana perfaz uma consciência evangélica que desloca as energias para um preparo espiritual com foco nesse dia em particular.
- d. O clero: supervalorização dos líderes (oficiais) da igreja. Há uma visão do povo de que estes têm um poder ou autoridade espiritual acima dos demais membros.

Este quadro eclesiológico é facilmente observado na atualidade e o desafio de torná-lo diferente levará em conta, fundamentalmente, a produção teológica nativa do Brasil, pois dela derivará sempre o primeiro passo para as mudanças.

Em parágrafos anteriores foi mencionado que as transformações da sociedade moderna não pouparam a igreja de suas influências. É evidente que não havia preparo para sofrer confrontos tão fortes como eles se mostraram. O fato é

¹⁹ KIVITZ, Ed René. **Quebrando Paradigmas**, São Paulo: Abba Press, 2002, p. 39.

que a formatação denominacional adquirida não respondeu, como ainda não responde, às exigências e às necessidades do homem moderno a nível de Brasil.

O denominacionalismo brasileiro, em função das paredes de separatismo político e da sua formalidade visível, mostrou-se irreduzível a mudanças (e ainda se mostra em certos ambientes) na maneira de apresentar o evangelho ao homem moderno.

A verdade é que a igreja evangélica brasileira passou a manter-se na retaguarda do que responder às questões éticas que se multiplicaram, e continuam se multiplicando ainda, por conta de descobertas tecnológicas, científicas e em tantos outros campos do conhecimento humano.

Um dos frutos iniciais da disfunção eclesiológica foi o surgimento de divisões em igrejas, acentuadas em número e diversificadas nas ênfases de determinadas visões bíblicas.

O fato crucial que levantamos é que durante os anos em que tem perdurado a manutenção de uma teologia superficial nas igrejas denominacionais históricas, quando a influência do pensamento pós-moderno espalhou-se pela sociedade brasileira, as crises na igreja evangélica foram inevitáveis.

As crises se intensificaram a partir da década de 1980, sendo particularmente sentidas pelos pastores e líderes cujo preparo teológico e acadêmico, vigente à época deles, não lhes forneceu instrumentos didáticos, hermenêuticos e ministeriais para se posicionar diante de tais crises. Para a maior parte deles, lidar com problemas e crises é sinônimo de desgaste e preocupação.

As instituições denominacionais superiores, às quais as igrejas estão ligadas e subordinadas, demoraram a se manifestar perante a sociedade evangélica como

um todo e, mais extensamente, à sociedade brasileira, como representantes da massa protestante.

O fato é que as convenções, os sínodos, os presbitérios e demais instituições preocuparam-se em orientar seus pastores dentro de parâmetros de conduta pré-estabelecidos, de modo a manter um perfil ministerial e eclesiológico que evitasse os confrontos e abafasse possíveis tendências teológicas novas. Essa atitude revelou-se como um estopim, entre outros, do neo-pentecostalismo existente nos dias de hoje.

Podemos dizer, sem nenhum temor, que a realidade das crises a partir da demonstração de uma superficialidade teológica na igreja brasileira têm sido manifestamente uma arma fatal para a existência dos modismos e tantos outros desvios dentro das comunidades evangélicas.

Quando se pára a fim de pensar e refletir sobre a igreja, seja com respeito à sua identidade ou à sua função, percebe-se a existência de lacunas que precisam ser preenchidas. Há uma certa descaracterização de essência: o organismo vivo passou a ser encarado como uma organização no estilo empresarial. Este fenômeno ruim também desvirtua o propósito que ela tem de representar o Senhor na terra, pois a atenção focada no hedonismo estimula ao ápice outras crises como variantes inevitáveis dela. Tem-se a impressão que a vida da igreja está sofrendo o limite de toda a agonia da espiritualidade forjada, do crescimento sem qualidade, do ajuntamento solene sem senso da presença divina e que encobre o solo movediço da presente religiosidade eclesiológica.

Crises como a doutrinária, a moral, a relacional e a de memorização bíblica²⁰ são sintomas mais que patentes aos olhos - olhos os quais precisam ser

²⁰ AMORESE, Rubem M. **Icabode**, Viçosa – MG: Ultimato, 1998, p. 112 a 127.

desobstruídos para que se possa enxergar a realidade nua e crua da situação da igreja atual.

A questão teológica é tão séria que não pode continuar a ser encarada como assunto que deve ser reduzido às discussões nos seminários e instituições de formação acadêmica tão somente como se estas fossem as únicas responsáveis a iniciar ações nesse sentido. Infelizmente, muitos líderes e pastores têm dado pouca ou quase nenhuma importância à formação e aprofundamento teológico. Por conseguinte, muitos acadêmicos terminam o seu tempo de preparação no seminário, formam-se, mas logo se vêem às vistas com problemas nas igrejas para onde são encaminhados, diante dos quais não foram treinados bíblicamente para encará-los, discutí-los e resolvê-los. Pior do que isso é que passam a fazer a mesmas coisas que muitos pastores de estrada fazem, e o processo da velha eclesiologia continua firme no prolongamento de um círculo vicioso.

A igreja está às voltas com uma religiosidade infrutífera tão exarcebada que não nos apercebemos que a sua causa principal é a negligência teológica. Esta oscila, como diz o pastor e escritor Jease Costa, entre o misticismo e a frieza intelectual.²¹

Por conta da mentalidade de colonizado, como já explanada (junta-se aqui também a mentalidade de subdesenvolvido), há uma tendência de se utilizar e ensinar nas igrejas o que está disponível no “mercado evangélico editorial”. Isto é, permanece-se usando a mesma roupa teológica sem encontrar traço algum de construção de um pensar que tenha a cara e o jeito brasileiro.

A relação igreja-teologia tem absorvido da mesma raiz teórica que a economia de países subdesenvolvidos apresentam para crescer: a dependência.

²¹ COSTA, Jease C. **Sua igreja está no Caminho Certo?**, São Paulo: Abba Press, 2004, p. 29.

Nesta dependência, teologicamente falando, a comunidade evangélica tem sido severamente prejudicada, pois o que está disponível, por exemplo, no campo da literatura acadêmica e teológica, sofre pela falta de uma contextualização extremamente necessária para a igreja nestes presentes dias.

Os conflitos e as crises geradas a partir da crise principal, a teológica, são variados. Talvez, na tentativa sinceramente equivocada de alguns ramos evangélicos em mudar a sua realidade e a dos crentes nela inseridos, muitas aberrações têm surgido por conta de se fazer uma produção teológica tendo como base as experiências pessoais. Tais experiências têm o seu lugar no culto individual e coletivo, mas jamais podem e devem ditar a formação normativa e espiritual de um crente ou de uma igreja. Quando isto se torna um costume passamos a identificar na igreja local apenas a religiosidade.

A religiosidade cristã, a propósito, pode ser comparada a uma balança onde os pesos são, de um lado a teologia, e de outro a experiência. Essa balança tem estado desequilibrada por causa de diversos fatores. O ideal seria o de manter o equilíbrio pela manutenção de uma teologia sadia, bíblica, e pela vivência de experiências que fossem sempre filtradas por essa teologia, de modo a poupar a igreja dos extremos e das heresias.

O problema do desequilíbrio existe, de fato, por conta de uma teologia superficial, humanista e extremamente auto-beneficiária para o crente. As experiências sem o peneiramento da teologia sadia traduzem os resultados que se obtém por meio delas em dogmas ou “doutrinas” particulares.

2. MODISMOS: SINTOMAS E NÃO A CAUSA

O terreno irregular sobre o qual os modismos se estabeleceram, como visto, foi precipitado pela superficialidade teológica herdada a partir da herança protestante adquirida, sendo complementada pela negligência à exposição de um ensino bíblico profundo e relevante, e por diversas crises e distorções geradas a partir daí.

Para avançar daqui em diante não se pode deixar de lembrar que a mentalidade do brasileiro (genericamente falando) possui traços tendenciais de “colonizado”, sendo vulnerável a exercer uma submissão prática e também ideológica que proporciona permanecer muitas vezes à mercê, inclusive na implantação de uma identidade própria de ser igreja culturalmente falando.

Além destas considerações, outras se fazem necessárias, pois são importantes para compreender a dinâmica dos modismos. Em primeiro lugar, do ponto de vista do ingresso do protestantismo no Brasil, a miscigenação teológica resultante é vista na prática em dois extremos: mística (experencial) e teológica (racional e intelectual). Este pêndulo de tendências sempre se encontra descentralizado de um ponto comum. Em segundo lugar, o contexto atual demonstra que a igreja evangélica brasileira é veementemente desejosa por novidades, de modo que a própria doutrina não satisfaz aos anseios dos crentes. Em terceiro lugar, há um bombardeio diário através das propagandas evangélicas imediatistas, cujo fim produz um cristianismo de resultados. E, em quarto lugar, a decadência do padrão de ética cristã da membresia em vista da omissão da prática da disciplina dentro da igreja de Cristo.

A dinâmica dos modismos sempre se apresentará mantendo relação direta, por amostragem, com cada uma das realidades delineadas acima. Portanto, sem

sombra de dúvida, admiti-se sobre os modismos, que eles são sintomas de uma enfermidade maior e que precisa ser curada eficazmente, a fim de tornar a igreja realmente relevante para os nossos dias, na demonstração de vida e na proclamação da mensagem salvífica.

2.1 Sintomas de uma Educação Cristã Relegada a Segundo Plano

A importância que a educação cristã possui não se restringe ao ato em si de se ter um indivíduo à frente de um grupo de pessoas, às quais simplesmente transmite os conhecimentos que possui. Este modelo educativo, aliás, está ultrapassado e é inadequado para o exercício do ensino seja em qual for o ambiente. Com relação, porém, à educação cristã, a abordagem não se restringe à questão da crítica aos métodos, mas compreende a consideração da importância vital que ela tem para a fundamentação doutrinária e ética da igreja brasileira, a partir do resgate do lugar principal que a Bíblia precisa ter no coração do crente evangélico.

Ao comentar sobre as tendências existentes nas igrejas evangélicas, que confundem os crentes, Paulo Romeiro²² diz que os perigos dos modismos e dos movimentos evangélicos residem, principalmente, na fragilidade do ensino doutrinário nas igrejas brasileiras. A gravidade do assunto é muito significativa, mas a igreja ainda não acordou para esta realidade.

A educação cristã na igreja evangélica brasileira tem trilhado quase os mesmos caminhos que o da educação formal nas escolas públicas, face a metodologia praticada e a falta de objetividade que incute incidentalmente nos seus alunos ou interessados.

²² ROMEIRO, Paulo. **Eclesiologia de Resultados**, São Paulo: Revista Conselho - CPESP, ano 4, n. 34, mai. 2006, p. 18 a 20.

A variedade de literatura que existe no mercado evangélico cresceu tanto que disputa fatias em feiras de exposições de grande porte. A mídia, em todos os seus segmentos, vez por outra anuncia eventos através dos quais diversas editoras evangélicas colocam seus títulos à mostra. É intrigante perceber-se que há muito material evangélico escrito sobre os mais variados temas e assuntos, e que estão à disposição dos evangélicos (apesar dos preços), mas mesmo assim também há muita gente nas igrejas afora que carecem dos conhecimentos mais básicos da fé cristã. O problema, então, não é de recursos, ou seja, de material disponível, e nem tampouco de métodos (eles precisam ser revistos), mas da compreensão do que é educação cristã, da teologia atrelada à ela e da importância do seu uso nas igrejas.

Como já foi mencionado em outra parte, a educação cristã é peça fundamental para iniciar qualquer processo de mudanças. É necessário posicioná-la aqui para um efeito didático e mais compreensivo ao leitor, a fim de que se possa explicar melhor a importância do assunto.

O ensino cristão, em primeiro lugar, está baseado no fundamento maior da igreja, que é a Bíblia. A pergunta, então, é: em que prateleira de valores a palavra de Deus se encontra na vida da igreja evangélica brasileira? Da resposta à esta pergunta dependerá todo o progresso ou não no intuito da busca por transformações sadias a nível individual e coletivo.

Nesta época presente é possível sentir um dos efeitos que a mentalidade do mundo pós-moderno trouxe com relação à eclesiologia, à teologia e ao ensino cristão: a fragilização dos absolutos.²³

Para que haja o exercício do ensino na igreja é imprescindível que a concordância e a crença na inerrância da Bíblia, na sua autoridade como única regra

²³ AMORESE, Rubem M. **Icabode**, Viçosa – MG: Ultimato, 1998, p. 30.

de fé e prática, na sua inspiração pelo Espírito Santo sejam lembradas, ensinadas e abraçadas como dogmas inegociáveis.

Infelizmente, a virada do século XX para o século XXI tem mostrado que muitos crentes estão vivendo em suas igrejas como se a Bíblia fosse relativa em seus princípios, de modo que a sustentação da fé destes é instável e fadada ao que as circunstâncias determinam.

O padrão bíblico estável e inegociável deve reger toda proposta de educação cristã. Assim, os questionamentos para os quais ela se apresenta a servir como ferramenta elucidativa obterão respostas objetivas.

Um conhecidíssimo e respeitado educador brasileiro chamado Paulo Freire (1922 – 1997) afirma que “educar tem tudo a ver com existir, e o existir é fazer saltos, crescer, ir além de si”.²⁴ O papel da educação cristã é também criar este projeto no indivíduo, de fazê-lo existir com propriedade, unindo o conhecimento à prática da vida cristã. Afinal, a linha lógica que o evangelho expõe está determinada nas palavras de Jesus: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda esse é o que ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele” (João 14:21).

A aspiração do alvo do ensino cristão, tendo Jesus como referencial é sempre construir, promover mudanças. Qual papel, então, cabe à teologia? Que definição deve ser apresentada e em que ela se distingue?

Basicamente teologia é o conhecimento que alguém possui sobre Deus, Jesus, a Bíblia e outras doutrinas importantes, e que regem a dinâmica da vida cristã e da vida da igreja nos variados sentidos (ético, comportamental, posicional, por exemplo).

²⁴ FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. apud CARVALHO, Antonio Vieira de. **Teologia da Educação Cristã**, São Paulo: Hagnos, 2006, p. 21.

A teologia e a educação cristã não são a mesma coisa objetivamente falando, porém jamais elas devem ser dissociadas entre si, pois tanto se complementam como dependem intrinsecamente uma da outra. Sendo a teologia o campo de estudo sobre a revelação de Deus, ela também é submissa a regras que condicionam a exatidão ou não do ensino: são elas a exegese e a hermenêutica, fundamentos da interpretação bíblica.

Nos primórdios da igreja cristã (primitiva) os problemas relacionados com as heresias foram inúmeros por conta dos erros provenientes de interpretações equivocadas e distorcidas das Escrituras. Menos grave porque naquela época o cânon do Novo Testamento estava em formação. Hoje, porém, o conteúdo revelado está disponível à igreja e, mesmo assim, observam-se os absurdos lamentáveis que se sucedem um após outro com respeito à interpretação.

O cristão que tem um interesse genuíno em conhecer a Bíblia e aplicar o que aprende ao seu cotidiano deve levar em consideração o papel importante que tem a interpretação. Nas muitas igrejas evangélicas espalhadas pelo Brasil afora o terreno fértil para a manifestação e acentuação dos modismos conta com o oposto dessa difícil realidade.

Pode-se ver ao vivo através da televisão, nos programas dirigidos por telepastores famosos, por exemplo, afirmações distorcidas, erros de interpretação ao exporem o ensino de passagens bíblicas, atropelos das regras de exegese e de hermenêutica, frases tendenciosas, heresias abertas, e que contam com a audição e aceitação de milhões de brasileiros que os assistem, entendendo e aceitando ser aquilo a verdade.

Como foi apontado na introdução a este trabalho, os modismos usufruem do caminho inverso ao que a teologia sadia propõe: de fora para dentro das Escrituras.

É, por isso, comum observar igrejas apossando-se de textos bíblicos, ignorando o contexto, a época, o público-alvo e inserindo-os como rubrica às situações, pensamentos, projetos, experiências e tantas outras coisas que seja possível imaginar. É o que acontece, sem precisar usar muito esforço de memória, com a Teologia da Prosperidade, para não citar tantas outras.

Tirando o foco da igreja e passando à observação das instituições de ensino evangélico, há uma proliferação de centros acadêmicos desabilitados para ensinar com excelência, cuja teologia é questionável (quando a possui). Muitas surgiram repentinamente e nem sequer possuem uma declaração de fé ou regulamentação junto aos órgãos de governo a nível municipal, estadual ou federal para funcionarem.

Por outro lado, as instituições que já possuem um nível conceitual no círculo evangélico, especialmente aquelas reconhecidas pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura), correm o risco de sofrer mudanças de enfoque, passando do conservadorismo de princípios à uma tendência ao liberalismo pensante, por força da influência de grades curriculares descomprometidas com o desenvolvimento da cosmovisão cristã bíblica.

Os pontos de tensão aos quais as instituições de formação teológica são submetidas não podem ser ignorados, a fim de não colocar em risco a perspectiva de um futuro diferente para a teologia no Brasil. Deveras, este objetivo precisa ter início a partir da igreja local.

O ensino praticado ali, aliando teoria e prática – princípio e vida – tornará concisa a maneira com que a igreja exercerá seu papel como agência do Reino. Fundamentalmente, a teologia deve sempre estar a serviço da eclesiologia brasileira, porém esta deve reconhecê-la e abraçá-la como ferramenta útil, se usada dentro de parâmetros adequados.

Do ponto de vista da comunidade local, ainda enfocando o indivíduo que dela faz parte, o objetivo daqueles que têm o papel e a responsabilidade de ensinar é fazer pontes entre o conteúdo teológico e a realidade prática da vivência de cada um. Estas pontes são importantíssimas na transição do conhecimento bíblico obtido da parte do crente, membro de igreja, e da sua aplicação efetivamente falando.

A contramão dessa transição é, na pior das hipóteses, o combustível para formulações de “teologias particulares”, isto é, o crente da igreja local passa a interpretar a Bíblia da sua própria maneira, relativizando os princípios eternos ao seu contexto, isto quando tal relativização não provém lá do próprio púlpito.

A igreja brasileira necessita aprender a rejeitar urgentemente a motivação do experimento de receitas “espirituais” rápidas como fonte de espiritualidade para si. Exemplos bem típicos desses modelos de pratos espirituais rápidos estão em voga, sendo uns mais procurados, outros menos, porém ainda bastante influentes nas igrejas. O ensino não pode e não deve ser trocado por teologias que se mostram práticas por um lado, atenuando o entendimento bíblico de diversos fundamentos da fé cristã e retiram o aspecto da profundidade da vida abundante oferecida por Cristo.

A atenuação é uma forma de simplificar o tom de comprometimento bíblico pessoal e coletivo com certos aspectos éticos e morais, a fim de tornar o crente adequado a esta sociedade presente. Isto é, na verdade, uma arma contra o próprio organismo espiritual, visto que a superficialidade, a religiosidade e a hipocrisia começam a criar raízes muito rapidamente.

A igreja evangélica brasileira, apesar das vozes que apontam a existência de um avivamento acontecendo nestas terras, está caracterizada dentro dos moldes das palavras de Jesus quando ensinou sobre a casa fundada na areia, sendo que isto não deveria ser assim. Afinal, a igreja crê no alicerce – Cristo – mas tem optado

por construir seus pilares nas areias dos modismos, cuja explosão, resultados e decadência possuem os mesmos ingredientes: a rapidez e a efemeridade.

2.2 Sintomas da Pluralidade Teológica

Por pluralidade teológica entenda-se não a existência de uma fatura proveniente da reflexão sadia a partir da Bíblia, tendo como foco crítico a realidade evangélica presente, mas sim, a diversidade do que se apresenta como sendo visão da parte de Deus trazida por “pretensos profetas” dos tempos atuais.

O comportamento apresentado por certos ícones evangélicos quando chamam para si e advogam a manutenção de um novo jeito de ser igreja e de uma nova maneira de explicitar a fé evangélica é muito parecido com o dos precursores das seitas e heresias: eles se diziam ser portadores da verdadeira revelação de Deus, excluindo as demais. Isto certamente não é uma história nova.

As atuais teologias e a eclesiologia têm andado de mãos juntas na efetivação prática dos modismos. Primeiramente porque é possível identificar nas igrejas um padrão ético que é rebaixado e adaptado às necessidades que tais teologias têm para ser exercitadas. A Teologia da Prosperidade, por exemplo, sustenta a influência do crente na ação abençoadora de Deus, quando este passa a externar, através da oração, a exigência dos direitos que têm como filho. As expressões como “ser cabeça e não cauda”, “estar por cima e não por baixo”, “o crente é filho do Rei”, são algumas dentre outras que são ouvidas no círculo de evangélicos que assumem esse tipo de teologia, cujas palavras derrota, enfermidade, desemprego, sujeição, maldição e outras não fazem parte do vocabulário. A Teologia da Cura Interior é outro exemplo que se inclui nestes novos pacotes (se bem que esta não é tão nova

assim) e ensina que cada crente precisa passar por um estágio de cura espiritual e emocional das suas raízes do passado, sejam elas da infância, adolescência ou juventude e, em alguns casos, até na própria idade adulta, a fim de que possa ter um verdadeiro crescimento espiritual. Nesse caso, a opção por sessões de apelação emocional e até mesmo de regressão, como efetuadas em certos casos de tratamento psicológico são usadas sem nenhum tipo de cuidado. Muitos crentes já foram vítimas desse tipo de procedimento teológico, cujo resultado foi uma degradação espiritual tão grande que não conseguiram progresso algum, seja com relação à solução para o problema apontado, seja com relação ao vislumbre de uma nova realidade espiritual para aquele que está envolvido em alguma situação particularmente difícil.

Outras teologias, tais como a do dente de ouro, a do sopro santo, da batalha espiritual, ramificada pela ação dos demônios territoriais e das maldições hereditárias, da confissão positiva, do triunfalismo, enfim, têm servido muito mais para a degeneração da teologia bíblica verdadeira e ao entrave da espiritualidade do povo evangélico brasileiro que, como já foi enfatizado, não possui um filtro crítico apurado teologicamente para analisar e rebater estes falsos ensinamentos.

A categorização da palavra “falsos” aqui não será aliviada por uma questão simples: a Bíblia, sendo suficiente e inerrante, não se submete a um padrão de interpretação que incorra em dualidades, incertezas ou heresias, e é justamente por estes caminhos que as teologias atuais têm permanecido.

O pastor Carlos Osvaldo Pinto, falando a ex-alunos²⁵ do Seminário Bíblico Palavra da Vida numa certa ocasião, propôs ironicamente a criação do PRODIBE,

²⁵ Na ocasião (Seminário Bíblico Palavra da Vida, em 05 de Novembro de 1994), o Pr. Carlos Osvaldo fez uma exposição sobre o tema “Tendências Teológicas no Brasil”, delineando os problemas da teologia brasileira em basicamente três áreas, sendo elas a Cristológica, a Eclesiológica e a Escatológica, além, é claro, do problema das ramificações doutrinárias existentes.

ou seja, o programa de “desabobrinhação” da igreja brasileira. Obviamente ele estava se referindo às muitas aberrações que são provenientes dos púlpitos e que são ensinadas ao membros das igrejas sem nenhum escrúpulo quanto ao cuidado sobre a fonte, se é bíblica ou não.

O problema da pluralidade torna-se mais crescente na medida em que as igrejas adotam a última novidade do mercado teológico como se esta fosse a “salvação” para seus anseios ou suas dificuldades.

A questão que se põe diante da liderança eclesiástica brasileira, então, não é quando virá o avivamento, mas sim, quando a igreja será reformada.

2.3 Sintomas da Descaracterização Denominacional

Quando se promove um estudo sobre a história da Igreja, desde o seu início até então, observa-se que o seu desenvolvimento e as diversas fases pelas quais ela passou foram difíceis e também bastante diversificadas.

A partir do episódio que se sucedeu no dia de Pentecostes, através do relato do livro de Atos quando o Espírito Santo é derramado, cumprindo assim a profecia de Joel (Jl 2:27-32), a igreja efetivamente passou a existir. Ela não nasceu com um nome, nem tampouco tinha uma placa ou uma faixa²⁶. Mais que isso: não tinha um lugar específico para reunião onde coubessem várias pessoas ao mesmo tempo, tal qual os que nós chamamos hoje em dia de templos ou erradamente de igreja. Sua característica inicial era a de que os crentes se reuniam nas casas, onde faziam orações, cantavam cânticos, realizavam suas celebrações de amor (ou festa do ágape – I Co 11:20-22) e recebiam a instrução segundo a doutrina dos apóstolos

²⁶ A única ocasião em que o grupo dos cristãos ficou conhecido por um nome surgiu daqueles que perseguiram a igreja, chamando-a de “O Caminho”. As passagens bíblicas correspondentes se encontram em Atos 19:9 e 23; 22:4; 24:14 e 22.

para viver corretamente. A conceito espiritual que os cristãos do início do Iº século mantinham como relação à igreja estava alicerçado nas pessoas; elas eram a Igreja.

Somente algumas dessas características que foram discutidas acima mostraram-se suficientes para fazer surgir um conceito errôneo sobre a igreja de Atos em meados do final da década de 1980. Nesse tempo estava em voga em diversas igrejas uma verdadeira febre pelo assunto missões. Em vista das particularidades que o livro de Atos relata ser ela possuidora, a visão sobre aquela igreja tomou uma outra forma, chegando a se tornar um mito na mente de muitos evangélicos e também no conteúdo das pregações e testemunhos de alguns missionários naquele período, infelizmente.

Possivelmente os resquícios dessa forma de pensamento tenham se arrastado até então, influenciando agora não o pensamento sobre a igreja em Atos, mas o da igreja de hoje. O mito agora está ligado à igreja atual, que tenta se imiscuir numa realidade institucional e espiritual que não é factual. Isto quer dizer, a igreja evangélica brasileira expressa uma aparência de firmeza, invulnerabilidade e intocabilidade espiritual tal qual não se viu em outras épocas face às inúmeras contradições que ela vive no tempo presente.

No que diz respeito à instituição, as denominações históricas, principalmente, estão sofrendo com um processo de reformulação e readaptação às pressões do mundo moderno em diversos sentidos: na pregação, no ensino, na evangelização, na eclesiologia, no discipulado, na liturgia de culto, na música, na organização e tantas outras áreas que possam ser aqui relatadas. É importante reafirmar que estas áreas estão em processo extremamente inicial em muitas igrejas no Brasil. Em outras sequer há resquícios ou uma visão de necessidade nesse sentido.

As denominações, como já citado anteriormente, prevaleceram com um estereótipo bastante padronizado durante muitos anos, de forma que tanto em relação aos usos e costumes quanto em relação à própria eclesiologia que praticavam, embora distintas denominacionalmente, mantiveram uma identidade única e motivadora de comparações que diferenciavam cada uma delas entre si.

Embora exista uma “política” não aberta para resgatar a identidade denominacional em cada uma delas e principalmente no meio das igrejas históricas, um fato (entre alguns outros) está acontecendo: a forma denominacional está vertendo para longe do ponto de equilíbrio. Há alguns precedentes institucionais que favorecem claramente essa situação, sendo definido de acordo com alguns aspectos particulares de cada denominação. No caso dos batistas, a forma de governo democrática, orgulho para a denominação durante muitos anos, está representando um problema por outro lado. Muitas questões que envolvem as ações negativamente isoladas de muitas delas só sofrem intervenção externa quando os seus membros solicitam uma interferência da Convenção Batista do estado onde está instalada. Em vista da decadência na instrução bíblica muitos membros não têm maturidade para dar opiniões ou tomar decisões corretas nas assembléias que são realizadas.

Há igrejas batistas que só são reconhecidas desta forma por causa da placa que os prédios possuem. Algumas destas detêm uma forma eclesiológica diferenciada diante de outras da mesma denominação.

As igrejas presbiterianas, num segundo exemplo, consideradas como extremamente formais em sua liturgia sofrem um efeito contrário ao das igrejas batistas. Estas, possuindo uma forma de governo presbiteriano, embora tenham um acompanhamento mais próximo através do corpo do Presbitério, não conseguem desburocratizar a distância entre este e as igrejas locais. Além disso, o

presbiterianismo tem se tornado mais intra-denominacional e mais dependente do sistema organizacional para manter a sua identidade. A questão aqui não é tentar promover uma ou outra denominação, mas verificar certos acontecimentos mais ou menos genéricos entre elas. As denominações, de uma maneira geral, foram enraizadas em modelos estrangeiros²⁷ que não foram processados e transformados em modelos eclesiológicamente válidos para o nosso cotidiano. Nas palavras do bispo Robinson Cavalcanti, esse estrangeirismo tornou a igreja alienada do próprio Brasil. Dessa forma muitas igrejas estacionaram no tempo com relação ao seu estilo e sua apresentação como agência do Reino. Isto implica dizer que a fórmula denominacional fixou um padrão, cujos esforços de alguns pastores e líderes no sentido de apresentar mudanças, não só e primeiramente de formas, mas principalmente de visão e de objetivos esbarram ou no tradicionalismo ou na própria estrutura institucional com um todo.

As estruturas denominacionais também sofreram pressões de fora para dentro delas por ocasião de fatores resultantes dos efeitos da modernidade, quer total, quer parcialmente.

O tão combatido mundanismo confunde-se com manifestações litúrgicas espontâneas, fruto de emocionalismo e hedonismo, fazendo do ajuntamento evangélico muitas vezes algo muito mais parecido com um clube de entretenimento, onde a satisfação pessoal é um fim em si mesmo. É preciso questionar qual é o papel atual da instituição denominacional e porque ela não tem servido aos objetivos bíblicos remetidos à igreja originalmente por Cristo.

Nessa perspectiva denominacional presente o que certamente acometerá mais a igreja é um distanciamento crescente entre elas ou uma aproximação

²⁷ CAVALCANTI, Robinson. **A Igreja, o País e o Mundo**, Viçosa – MG: Ultimato, 2000, p. 20.

inconcebível a um ecumenismo sem fronteiras e descompromissado com a essência da igreja.

Na visão de Émile G. Leonard²⁸, a questão do denominacionalismo tende a permanecer assim, sendo uma espécie de sectarismo.

2.4 Sintomas da Globalização Eclesiástica

De tempos em tempos surgem como parte do vocabulário comum algumas palavras que trazem no seu bojo um significado diferenciado, combinando-as com alguma realidade social, econômica ou política, por exemplo. Este é o caso da expressão “globalização”²⁹, que designa “um processo iniciado na segunda metade do século XX, que conduz à crescente integração das economias e das sociedades de vários países em relação à produção de mercadorias e serviços, aos mercados financeiros e à difusão de informações”.

Quanto à globalização eclesiástica, esta obviamente não se dá no âmbito econômico, político e social, segundo o pensamento da sociedade secularizada atual, mas partilha de alguns aspectos destas, forçando a aparição de um quadro plural no jeito de ser da igreja evangélica brasileira.

A globalização eclesiástica tem incutido uma práxis cuja fôrma é, para não dizer igual, semelhante entre várias igrejas. As maneiras (ou maneirismos) com que os evangélicos oram, adoram, evangelizam, dançam, profetizam, falam uns com os outros, enfim, são mais ou menos idênticas. Assim como a globalização no mundo atual pressiona os países a se adequarem para acompanhar as mudanças que acontecem quase que instantaneamente, as igrejas evangélicas, de um modo geral,

²⁸ LEONARD, Émile G. **O Protestantismo Brasileiro**, São Paulo: Aste, 1999, p. 325.

²⁹ OLIVEIRA, Pêrsio S. **Introdução à Sociologia**, São Paulo: Ática, 2006, p. 248.

forçam-se a acompanhar as novidades tidas como provenientes de orientação divina. A começar pela exposição bíblica, a pregação dos púlpitos aglomera ênfases que se relacionam com o homem e as suas necessidades, deixando de lado o chamado à responsabilidade de servo. O púlpito tem excluído paulatinamente a figura de Cristo como Senhor, subjugando o amor do Senhor pelo ser humano a um “romantismo evangélico” sem precedentes. Pode-se perceber que a relação do crente com o Jesus que ele cultua se confunde um pouco com uma espécie de amor platônico, vivenciado pela expressão exacerbada de sentimentos e emoções, e anulando, assim, o sentido prático que a Bíblia ensina sobre o amor. Desse modo, a relação do crente com Cristo é conjugada na base da amizade e a interferência do senhorio dele é, muitas vezes, suavizada ou até mesmo negada por atitudes privatizadas.

Por causa de um certo receio de não perder membros para outras comunidades, as igrejas evangélicas têm adotado um estilo eclesiástico com o sentido de satisfazer as necessidades das pessoas. O foco está somente e tão somente nas pessoas. Aparentemente este objetivo demonstra alguma relevância espiritual, porém, em suma, o que está sob esta estampa é falar o que as pessoas querem ouvir (poética ou alegoricamente) e não o que elas precisam ouvir. Isso certamente é uma forma de globalização eclesiástica e que provoca a formação de muitos discípulos de si mesmos – descompromissados com a verdade bíblica e com a responsabilidade que a natureza de servo exige.

Do ponto de vista da essência da igreja, se os reformistas estivessem ainda vivos, lamentariam o que se sucede hoje quanto ao que ela deveria ser.

Criou-se uma fórmula litúrgica que é copiada, muitas vezes sem questionar se isso ou aquilo é válido biblicamente. O que é praticado como comunhão está perto

mais de um ajuntamento solene (Is 1:11-14), e não há uma chamada à consciência de que a espiritualidade vigente tem dependido mais de quão abençoados são os cultos ou o louvor, ou do quanto a mensagem pregada falou ao irmão fulano ou ciclano, do que de um atendimento simultâneo da igreja aos requisitos³⁰ que o verdadeiro discipulado propõe, e que devem ser impulsionados por nada menos que uma submissão total e incondicional do cristão diante do sacrifício de Cristo no Calvário.

A globalização eclesial também ignora a perspectiva escatológica da igreja na medida em que produz crentes para o aqui e agora. Como não há uma preocupação ou consideração prioritária quanto à importância da formação para a vida, os modelos de educação praticados reduzem-se à superficialidade e não induzem questionamentos que provoquem mudanças. A frequência aos cultos ou reuniões é remetida como sinônimo de estabilidade. A ignorância escatológica representa uma extensão do processo teológico imediatista, que influi inclusive no princípio da iminência da segunda vinda de Jesus.

O contrário também é fato. Enquanto a globalização afeta a perspectiva escatológica e produz uma onda de imediatismo evangélico, ela também desvincula a igreja das suas raízes a partir do seu passado histórico. Esta quebra de vínculo estabelece um comprometimento das referências de abordagem. Isto significa dizer que as transformações para a igreja atual não levam em conta as ligações com o que já aconteceu na história da igreja como um todo, o que a faz caminhar sem um rumo específico e fazem das possíveis transformações apenas tentativas insólitas.

A globalização eclesial coopera também para uma espécie de concorrência esquizofrênica quanto ao pensamento sobre crescimento de igreja. O crescimento de igreja é entendido na mente de muitos evangélicos como

³⁰ MacDONALD, Willian. **O Discípulo Verdadeiro**, São Paulo: Mundo Cristão, 1990, p. 5-9.

relacionado a números, à quantidade, ainda que os seus pastores falem e promovam o contrário. Essa febre por crescimento precipita a quantificação em detrimento à qualificação, que é deixada a um segundo plano, mesmo porque esta última exige esforços, tempo e dedicação, coisas que o mundo moderno não possui para dispende diante da velocidade com que as coisas acontecem.

Os modismos evangélicos estão tremendamente comprometidos com essas realidades e eles também acompanham essa globalização. O que foi moda há alguns anos atrás nem sequer é lembrado hoje. Um exemplo foi a chamada unção com os dentes de ouro, que passou como um furacão por muitas igrejas, provocou muita agitação, muitas transferências de membros de umas para as outras e escassas mudanças de atitudes internas.

O comprometimento significativo da igreja comumente tem sido com a forma e não com o conteúdo, com a aparência e não com a interioridade que se exterioriza para tornar o mundo perplexo, com a superfluidade de programas e encontros que não apresentam objetivos claros onde chegar, com a preocupação com o que as classes evangélicas elitistas sugerem para a igreja hoje, com a participação nas “Marchas para Jesus”, a fim de levantar o nome da comunidade a que pertence estampado numa faixa, enfim, com pormenores e idéias que excluem a opinião inicial e final do Mestre. Tema-se a possibilidade de ouvir a resposta sobre o que é a Igreja somente em concílios de pastores, isto se estes tiverem em mente o que ela é biblicamente falando.

A globalização eclesial detém ainda o problema da formação dos guetos ou tribos. São igrejas dentro de igrejas, isto é, são grupos de crentes evangélicos que se relacionam apenas com seu grupo em particular e que não abrem fronteiras de relacionamentos com os outros.

Este tipo de situação antagônica se dá em vários níveis: na divisão por faixas etárias, por nível social, por intimidade virtual através de interação por meio de ambientes de relacionamento na internet (msn, orkut, etc), por nível acadêmico, por compatibilidade de linguagem ou pensamento e muitos outros. Isto infere que os membros não se associam entre si, e se isso de alguma forma acontece esporadicamente é por simples conveniência ou “força de ocasião”. Esse tipo de realidade não acomete apenas os adolescentes ou os jovens, mas também os adultos e é reflexo da influência latente da privatização. A privatização é uma face do comportamento do mundo pós-moderno em que as pessoas criam uma redoma em torno de si, de modo que suas formulações quanto a padrões de pensamento e de vida como um todo não interessam a ninguém; reservam-se a si mesmas. Infelizmente, pelo fato de que a pregação e o ensino têm minguado nas igrejas, a privatização não submete suas expressões comportamentais, morais ou éticas aos confrontos que venham dos púlpitos. É diante desse caminho que as teologias que se baseiam nas necessidades hedonistas seguem e se abraçam com os modismos.

A globalização, por fim, insere a igreja evangélica brasileira na massa, fazendo dela um com o todo e não como uma à parte. No entendimento de alguns ela tem sido e estado à parte, porém no aspecto negativo, isto é, quando se fala da crise de cidadania que é decorrente da inexistência de um projeto histórico³¹ que faça da igreja um diferencial para este país. Estar à mercê quanto ao compromisso com a nação – e isto inclui o aspecto político – é mais fácil para a grande maioria das igrejas brasileiras.

A profundidade do problema que esta omissão causa tem sido ignorada e, enquanto as bases das instituições evangélicas não sofrem dano a tendência é

³¹ CAVALCANTI, Robinson. **A Igreja, o País e o Mundo**, Viçosa – MG: Ultimato, 2000, p. 95.

permanecer assim. Por outro lado, a igreja evangélica brasileira só consegue ser capa de manchete quando surge algum escândalo envolvendo pastores ou líderes.

Além da questão denominacional é preciso promover uma reflexão quanto ao real motivo para o qual a igreja existe em terras tupiniquins.

O uso de um jargão antigo pode ser um início: “Se não faz diferença, que diferença faz?”. Certamente, aos que ainda encaram com seriedade a relevância da essência e da existência que a igreja aqui no Brasil precisa ter não podem demonstrar conformismo e uma atitude inerte diante do que está aí.

3. CONCLUSÃO

A história evangélica brasileira proporciona aos seus conhecedores uma gama de fatos que se colocam à nossa disposição numa perspectiva de extremos. De um lado, temos a própria história denominacional em terras brasileiras, à parte da grande demonstração objetiva de expandir o evangelho, transportando de lá para cá as nuances culturais e as formas de ser igreja esteticamente falando. Por outro, temos uma “caricatura” eclesiástica, que se viu durante todos estes anos subjugada à tradição adquirida, estirpando internamente da igreja evangélica brasileira a sua própria identidade cultural e o jeito de ser de um povo agraciado por Deus em vários aspectos.

A apresentação da realidade dos modismos dentro da igreja evangélica brasileira apenas demonstra, de modo geral, que carecemos de uma identidade própria. Não se alega aqui a não existência de tal identidade, mas que sua evidência em termos práticos é um desafio a ser vencido, sobretudo através de uma releitura do nosso jeito de ser igreja.

Àqueles que se consideram otimistas, mais na teoria do que na prática, pode-se categoricamente afirmar que a realidade presente na igreja evangélica brasileira não é predominantemente de avivamento, mas, talvez, uma forma de demonstrar a inconsistência eclesiológica que existe, e que simplesmente dá margem às manifestações íntimas de muitos crentes quanto ao desejo de uma espiritualidade sólida e vívida.

A realidade dos modismos e os seus efeitos ao longo dos anos proporcionou e ainda proporciona uma relação de causa para efeito e vice-versa, o que torna a vida eclesiástica fadada às novidades.

A herança evangélica brasileira talvez devesse ser assunto nas salas de aula das nossas Escolas Bíblicas, tendo o intuito de conhecer como o evangelho chegou até aqui e também servir como ponto de partida para reflexões sobre como podemos ser e existir como igreja, a fim de agradar a Deus verdadeiramente à brasileira, despojando de dentro aqui aquilo que não se conjuga com a nossa essência cultural objetivamente falando.

Embora seja uma agravante, o fato de não possuímos uma teologia consistentemente de raiz brasileira não pode ser considerado o fator único para não fazer brotar os primeiros indícios de mudanças. Aqui no Brasil teologia é ainda algo pouco cativante, pois formou-se entre os cristãos a péssima premissa de que a teologia em si é algo para poucos: estes poucos é que devem ter tal preocupação.

Transcender a barreira da estupidez teológica a partir da proposta de uma nova reforma e não da formulação primeira do estabelecimento de um avivamento é o cerne da questão neste trabalho. A razão histórica contundente que fundamenta esse ponto de vista é que os avivamentos que se sucederam em algumas épocas e lugares do mundo tiveram início através daquilo que chamamos aqui de “construção teológica de dentro para fora das Escrituras”. Os avivalistas sentiram a necessidade de rever a relação da igreja da época com Deus a partir do estudo objetivo da bíblia e da oração em pequenas reuniões. A realidade da renovação espiritual não aconteceu sem que fossem peneiradas as arestas do pensamento e da prática eclesiológica a partir do fundamento principal.

A questão dos modismos não pode ser subjugada a um segundo ou terceiro plano, ou mesmo ignorada por conta de visões que trazem uma falsa espiritualidade em seu bojo, quer por causa da necessidade de crescimento forçado, quer por causa da mentalidade da produção de resultados como um fim em si mesmo.

O fato denominacional, via de regra, não pode ser simplesmente abolido instantaneamente do “modus operandi” eclesiástico, por risco de contrairmos o mal desnecessário da pluralidade de igrejas e comunidades evangélicas em muito maior escala do que já existe hoje.

Além das Escolas Dominicais (estas também precisam ser reformuladas), as entidades evangélicas de ensino religioso, sejam faculdades, seminários ou institutos bíblicos devem ser as promotoras da reflexão que visa à reformulação eclesiológica sem exclusivismos e partidarismos. Estas atitudes tornam-se empecilhos para qualquer iniciativa que produza resultado comum, ou seja, a favor do Reino como um todo.

Promover a descontinuidade dos modismos na igreja evangélica brasileira é algo necessário, se evidentemente desejamos cumprir o papel como nos está proposto biblicamente: ser sal e luz, simples – ser agência única do Reino de Deus.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMORESE, Rubem M. **Icabode** – da mente de Cristo à consciência moderna. Viçosa – MG: Ultimato, 1998.

CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo Através dos Séculos** – uma história da igreja cristã. Tradução de Israel Belo de Azevedo, São Paulo: Vida Nova, 1995.

CARVALHO, Antonio V. **Teologia da Educação Cristã** – a atividade de ensino na igreja contemporânea. São Paulo: Hagnos, 2006.

CAVALCANTI, Robinson. **A Igreja, o País e o Mundo: desafios à uma fé engajada.** Viçosa - MG: Ultimato, 2000.

HOLANDA, Aurélio B. **Novo Aurélio Século XXI** – o dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Nova Fronteira, 1999.

KIVITZ, Ed René. **Quebrando Paradigmas.** São Paulo: Abba Press, 2002.

LEONARD, Émile G. **O Protestantismo Brasileiro.** São Paulo: ASTE, 1999.

MacDONALD, Willian. **O Discípulo Verdadeiro.** São Paulo: Mundo Cristão, 2002.

MENDONÇA, Antonio G. **O Celeste Porvir** – a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: ASTE, 1995.

MORAES, Jease C. **Sua Igreja está no Caminho Certo?** – os discípulos em Emaús e a igreja do século XXI. São Paulo: Abba Press, 2004.

OLIVEIRA, Pérsio S. **Introdução à Sociologia** – série Brasil. São Paulo: Ática, 2006.

OLSON, Roger E. **História da Teologia Cristã** – 2000 de tradição e reformas. São Paulo: Vida, 2001.

RAMOS, Ariovaldo. **Nossa Igreja Brasileira** – uma opinião sobre a história recente. São Paulo: Hagnos, 2002.

ROMEIRO, Paulo. **Eclesiologias de Resultados**, Revista Conselho. São Paulo: n. 34, p. 18-20, mai. 2006.

ROSA, Ronaldo S. (e.g.). **Estratégias Religiosas na Sociedade Brasileira**. São Paulo: Umesp, 1998.